

**ALICE SARMENTO SILVA**

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA E  
LIBERDADE PARA ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA  
ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM PSICOLOGIA  
CAMPO GRANDE, MS  
2014**

**ALICE SARMENTO SILVA**

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA E  
LIBERDADE PARA ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA  
ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS**

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde do orientador: Prof. Dr. Márcio Luis Costa.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM PSICOLOGIA  
CAMPO GRANDE-MS  
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Católica Dom Bosco  
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

S586a Silva, Alice Sarmento

As representações sociais de família e liberdade para adolescentes de uma Escola Estadual no Município de Dourados-MS Alice Sarmento Silva , sob orientação do Prof. Dr. Márcio Luis Costa. -- Campo Grande, MS: 2021.

96 p.: il.;

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, Ano 2021  
Bibliografia: p. 83 - 87

1. Representação social. 2. Adolescentes. 3. Família.  
4. Liberdade I.Costa, Márcio Luís. II. Título.

CDD: 155.924

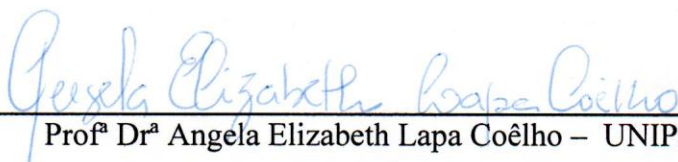
A dissertação apresentada por ALICE SARMENTO SILVA, intitulada “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA E LIBERDADE EM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi.....*aprovada*.....

### BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Márcio Luís Costa - UCDB (orientador)



---

Profª Drª Angela Elizabeth Lapa Coêlho – UNIPÊ



---

Profª Drª Luciane Pinho de Almeida - UCDB



---

Profª Drª Sonia Grubits - UCDB

Campo Grande-MS, 30 de outubro de 2014.

## AGRADECIMENTOS

A Deus,

A minha irmã, Damaris Sarmiento Silva, que durante o transcurso deste trabalho esteve comigo motivando através dos cuidados.

Ao Diretor Geral da FTBAW/SBAW e meus amigos de trabalho que me deram todo o apoio para que este sonho fosse concretizado.

Aos professores do mestrado em Psicologia da Saúde da UCBD, especialmente: Prof. Dr. Márcio Luis Costa por suas orientações sempre muito inspiradoras e assertivas bem como aos integrantes da banca.

Aos colegas, Josikelli Andrades, Ronnie Silva e Silvana Dias Corrêa, companheiros de mestrado que dividiram suas vidas, sentimentos e companheirismos nas viagens e nos momentos que fizeram parte desta caminhada como mestrandos.

À escola e aos pais que tão prontamente confiaram seus alunos e filhos a mim, para que através da participação deles esta pesquisa fosse realizada.

A cada um dos adolescentes pela cooperação tão expressiva com esta pesquisa. Por abrir seus corações e colocar seus pensamentos e idéias a disposição para serem analisadas.

*Das maravilhas que o homem já investigou na terra, no mar e no céu, a mais interessante de todas parece ser o próprio homem.*

**(Sperling, Abraham)**



## RESUMO

Esta dissertação identifica e discute as Representações sociais de família e liberdade para adolescentes de uma Escola Estadual no Município de Dourados-MS. Seu objetivo foi compreender como estes adolescentes, participantes neste estudo, constroem suas compreensões de senso comum sobre família e liberdade e por meio da ancoragem e objetivação os converte em representação social. Os participantes da pesquisa foram adolescentes na faixa-etária dos 12 aos 17 anos completos. O referencial teórico adotado foi o da Teoria das Representações Sociais, pois se entende que é por meio das representações sociais que os fenômenos das perspectivas coletivas do comportamento humano podem ser entendidos sem com isso deixar de valorizar a individualidade dos mesmos. Ela está relacionada com o estudo das simbologias sociais em nível tanto de macro como de micro análise. Os instrumentos usados foram o questionário sócio-demográfico e um roteiro de entrevista. A análise das falas dos participantes permitiu ver e fazer ver que os adolescentes operam com as seguintes representações sociais de família: família como lugar de cuidado; família como lugar de orientação; família como lugar de formação; e com as seguintes representações sociais de liberdade: liberdade como autonomia de movimento e liberdade como autonomia para se relacionar.

**Palavras-chave:** Representação social; Adolescentes; Família; Liberdade.

## **ABSTRACT**

This thesis identifies and discusses the social representations of family and freedom in teenagers from a public school at Dourados-MS. The goal was to understand how these teenagers, being in this study might construct their understandings of common sense about family and freedom and by anchoring and objectification converts them into social representation. The study subjects were teenagers in the age range of 12 to 17. The theoretical framework adopted was the Theory of Social Representations, because we understand that it is through the social representations that the phenomenal of collective perspectives of human behavior can be understood without thereby help enhance the individuality of the same. It is related to the study of the social level symbologies both macro and micro analysis. The instruments used were the socio-demographic questionnaire and interview. The analysis speaking of the participants allowed to see and make to see that teenagers operate on the following social representations of family: family as a place of care; family as an orientation place; family as a training place; and the following social representations of freedom: freedom as a movement autonomy and freedom as autonomy to relate.

**Keywords:** social representation; teenagers; family; freedom



## **LISTA DE APÊNDICE**

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	91
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIO-DEMOGRÁFICO .....	92
APÊNDICE C - TÓPICOS – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA INDIVIDUAL .....	93

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA PARA A PESQUISA .....	87
ANEXO B - TUBULAÇÃO DO QUESTIONÁRIO SOCIO-DEMOGRAFICO .....	88
ANEXO C - TABELA DE TRATAMENTO DE DADOS QUALITATIVOS.....	89

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	15
2.1 A Psicologia Social .....	16
<b>3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	21
3.1 A Teoria das Representações Sociais .....	22
<b>4 O ADOLESCENTE, A FAMÍLIA E LIBERDADE</b> .....	32
4.1 A Adolescência .....	33
4.2 Família .....	37
4.3 Liberdade .....	39
<b>5 MÉTODO DA PESQUISA</b> .....	44
5.1 Procedimentos da Pesquisa .....	45
5.2 Análise do Conteúdo .....	46
5.3 Instrumento e Procedimento de Coleta de Dados .....	47
5.4 Aspectos Éticos da Pesquisa .....	48
5.5 Tabulação e Tratamento Qualitativo dos Dados .....	48
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÃO</b> .....	50
6.1 Caracterização dos Participantes .....	52
6.2 Representação Social de Família .....	57
6.2.1 A Representação Social de Família como Instituição Importante na Vida do Adolescente .....	57
6.2.2 Representação Social de Família como Lugar de Orientação .....	60
6.2.3 Representação Social de Família como Lugar de Cuidado .....	62
6.2.4 Representação Social de Família como Lugar de Formação .....	66
6.3 Representações Sociais de Liberdade .....	68
6.3.1 Representação Social de Liberdade como Autonomia de Movimento .....	69
6.3.2 Representação Social de Liberdade como Autonomia para se Relacionar .....	71
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80
<b>ANEXOS</b> .....	86
<b>APÊNDICES</b> .....	90



Esta pesquisa foi construída a partir da vivência da pesquisadora com adolescentes em seu trabalho no consultório de Psicologia e também em atividades em grupos e eventos religiosos.

Adolescer faz parte do desenvolvimento humano. Mas, este é um momento de grandes mudanças, pois é nesta fase que as mudanças físicas, emocionais e sociais tomam uma dimensão considerável. E para lidar com a nova realidade, os adolescentes buscam novos horizontes fora do contexto em que viveram até o momento, junto e sob os cuidados dos pais e cuidadores. Eles iniciam uma busca pela liberdade mesmo não tendo a consciência das responsabilidades que esta exige. O que causa nos pais e cuidadores um desconforto e insegurança quanto ao futuro de seus filhos adolescentes.

Entende-se que a família deve ser um referencial para os adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A.), em seu Capítulo III, Seção I, estabelece: "Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária..." (BRASIL, 1999, art. 19). Portanto, de acordo com o E.C.A., a família tem a responsabilidade de dar o suporte para que o adolescente tenha condições de desenvolver-se emocionalmente, fisicamente, socialmente e psicologicamente.

Mas para os pais, tornar-se difícil entender ou até aceitar o processo do desenvolvimento de seus filhos. E mais difícil ainda é ver os seus filhos seguirem em busca de seus objetivos, sendo ainda tão jovens. Esta falta de aceitação dificulta a percepção dos pais da necessidade do adolescente quanto à busca de liberdade e de experimentar novas oportunidades, causando assim os conflitos entre pais e adolescentes.

Esta pesquisa se propõe compreender as Representações Sociais de família e liberdade para adolescentes de 12 a 17 anos completos cursando o ensino médio em uma escola estadual no município de Dourados-MS. Para tanto, será necessário revisar a literatura sobre a família, adolescência e liberdade e, além disso, sair a campo para conhecer quem é o adolescente, qual a sua compreensão destes temas.

A presente pesquisa foi construída sobre as bases da Teoria das Representações Sociais (TRS) tendo como teórico central o psicólogo social romeno Serge Moscovici e outros que se dedicam a pesquisa neste campo teórico. A metodologia usada é a qualitativa com análise do conteúdo, visto que responde às necessidades de interpretação das construções subjetivas manifestas nas falas dos adolescentes. Os instrumentos usados na construção dos dados foram um questionário sócio-demográfico e um roteiro de entrevista.

Esta pesquisa foi organizada da seguinte forma: No primeiro capítulo é apresentado a

fundamentação teórica, onde destaca-se a Psicologia como ciência, Psicologia social, objeto da Psicologia, métodos em Psicologia, a Psicologia aplicada e social. Finalizando esta sessão com a Teoria das Representações Sociais defendida por Moscovici e também foram utilizadas as ideias de outros teóricos que se destacam em importância para fundamentação deste trabalho de pesquisa. No segundo capítulo a pesquisadora procurou revisar a teoria sobre o adolescente, a família e a liberdade, uma vez que estes são os objetos desta pesquisa permitindo assim uma compreensão mais apurada dos processos do desenvolvimento dos adolescentes, como se relacionam e sua adaptação a nova fase da vida. O capítulo terceiro reservou-se em destacar o Método da pesquisa, considerando o seu procedimento, a caracterização dos participantes, a análise do conteúdo, o instrumento e procedimento de coleta de dados, além dos aspectos éticos da pesquisa e a tabulação e tratamento qualitativo dos dados.

No capítulo quatro foi feita a análise da discussão, tomado como base as falas dos participantes da referida pesquisa, discutindo as RS de família e liberdade, considerando a relação que a teoria das representações sociais estabeleceu com as Ciências Sociais e a Psicologia da Saúde. Estas falas foram analisadas e transcritas, onde apurou-se no tema RS de família e da liberdade a como importantes na vida do adolescente.

## **2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

---

Aborda-se, neste capítulo, uma breve caracterização da psicologia como ciência, seus métodos, a psicologia aplicada e social, como panorama que ajuda a compreender o ponto de inserção das Representações Sociais na Pesquisa em Psicologia. Entende-se que é necessário conhecer a trajetória da psicologia, seus colaboradores e sua influência na Psicologia Social, para, neste contexto, apresentar o surgimento da Psicologia Social e a forma como a Teoria das Representações Sociais se articula com ela.

## 2.1 A Psicologia Social

A fundamentação teórica do presente trabalho partirá da Psicologia Social, na qual se insere as discussões das TRS no campo da Psicologia. Lane (2002) destaca que a Psicologia Social estuda o comportamento do indivíduo no que ele é influenciado socialmente. Isso acontece antes do seu nascimento, uma vez que sua família já é parte de um grupo social organizado. A autora destaca também que há uma divergência teórica no que se refere a “comportamento”, mas ela considera que o termo refere-se

A toda e qualquer ação, seja a reflexa (no limite entre a Psicologia e a Fisiologia), sejam os comportamentos considerados conscientes que envolvem experiências, conhecimentos, pensamentos e ações intencionais, e, num plano não observável diretamente, o inconsciente. (LANE,2002, p. 7)

Portanto, o enfoque da Psicologia Social é estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente. Sendo assim, ao abordar o tema da Psicologia Social, é importante considerá-la no aspecto histórico-social, pois este fornece elementos essenciais referentes ao pensamento e comportamento da pessoa e tem como ferramenta primordial a aquisição da linguagem.

Para Lane (2002), as palavras, com os significados atribuídos por um grupo determinam sua visão de mundo, sistema de valores e conseqüentemente as ações, sentimentos e emoções decorrentes.

Lane e Codo (2001) destacam que para Skinner, a linguagem é o comportamento verbal como todo aquele mediado por outra pessoa, incluindo assim no verbal, gestos, sinais ritos e a linguagem. Ainda considerando a fala de Skinner, quando afirma que “Os homens agem sobre o mundo e o transformam, e são, por sua vez, transformados pelas conseqüências de suas ações”, pode-se entender que este homem é considerado produto e ao mesmo tempo produtor de sua história. E faz uso da linguagem como mediadora para esta construção.



Lane (2002) pontua que a linguagem desenvolveu-se historicamente quando os seres humanos sentiram a necessidade de se organizar para sua própria sobrevivência. Sem o desenvolvimento da linguagem seria impossível viverem como grupo social e cooperativamente.

Deve-se levar em consideração que a linguagem passa a ser uma ferramenta necessária a pessoa para transformar a natureza, por meio da cooperação entre si e de atividades significativas pelas quais o grupo social possa se garantir e sobreviver.

Sob esta perspectiva, Lane (2001) afirma que qualquer análise da linguagem implica considerá-la como produto histórico de uma coletividade.

Desta forma a aprendizagem da linguagem materna insere a criança na história de sua sociedade, fazendo com que ela reproduza em poucos anos o processo de “hominização” pelo qual a humanidade se produz, tornando-a produto e produtora da história de seu grupo social. (LANE, 2001. p.33)

Considerando as representações, a linguagem tem sua influência histórica uma vez que ela promove o intercâmbio das construções e relações do indivíduo e seu grupo social. Desta forma, o significado produzido historicamente pelo grupo social adquire, no âmbito do indivíduo, um sentido pessoal, ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo. É por meio das relações que as representações são formadas e solidificadas permitindo a pessoa tornar-se social e parte de um grupo social com todas as suas regras, cultura e conceitos.

Entende-se porém, que a história não é estática e nem imutável, mas está sempre em movimento, levando a sociedade a transformações fundamentalmente qualitativa. E a grande preocupação da Psicologia Social é entender como a pessoa se insere neste processo histórico, não como é determinado, mas como agente de transformação do mesmo.

A procura de um conceito de identidade que permitisse uma concepção de um sujeito transformador, Codo e Ciampa (2001) afirmam que psicólogos, sociólogos, antropólogos, os mais diversos cientistas sociais e filósofos tem estudado a questão da identidade, intencionados a conhecer de forma mais aprimorada a pessoa humana e seu comportamento.

Deschamps (2009) faz uma diferença entre a identidade social e identidade pessoal. Sendo que a primeira refere-se a um sentimento de semelhança com (alguns) outros, enquanto a segunda se refere a um sentimento de diferença em relação esses mesmos outros (Deschamps, 2009, p.14)

Ciampa (2001) afirma que

[...] em praticamente todas as situações da vida cotidiana, a questão da identidade aparece de uma forma ou de outra. [...] a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele. (CIAMPA, 2001, p. 59).

Ou seja, a identidade permite ao indivíduo conhecer-se e conhecer o outro do grupo identificar-se com as histórias, tradições, normas, interesses, etc. A identidade do outro passa a ser um reflexo a identidade própria.

Pedro (2005) afirma que a trajetória proposta por Ciampa consiste em ver a progressiva formação da identidade partindo do nome do indivíduo, já que este nome o representa.

Implica, portanto na predicação e personagens (conceito este extraído da metáfora teatral) estabelecendo elementos de igualdade e diferenciação que se articulam. (PEDRO, 2005, p. 112).

Tais personagens modificam, transformam objetivando-se situações onde é quase impossível o indivíduo atingir condições de “ser-para-si”, ocultando a natureza da identidade enquanto metamorfose. Sendo o ponto de partida a identidade pressuposta que dá o ser posto, que é repostado.

Com isso podemos perceber outro fato curioso: não só a identidade de um personagem constitui a de outra e vice-versa (o pai do filho e o filho do pai), como também a identidade das personagens constitui a do autor (tanto quanto a do autor constitui a das personagens). (CIAMPA, 2001, p. 60).

Lane (2002) afirma que identidade é o que caracteriza o indivíduo como pessoa. É a resposta à pergunta “quem é você?”. No entanto, Ciampa (2001) observa que ao responder esta pergunta a identidade do indivíduo se mostra como

[...] a descrição de um personagem (como em uma novela de TV), cuja vida cuja biografia aparece numa narrativa (numa história com enredo, personagens, cenários, etc.), ou seja, como personagem que surge num discurso (nossa resposta, nossa história). (CIAMPA, 2001, p. 60).

Assim, o personagem e o autor terminam por se confundir. Passando o indivíduo e as outras pessoas que fazem parte da história autor e personagem ao mesmo tempo. Pois fazem parte de uma história construída pelas relações mútuas. Portanto, para Ciampa responder “quem é” não significa a compreensão do todo do indivíduo, mas sim alguns pontos de sua identidade.

Para Ciampa (2001)  
 Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto,  
 Identidade é metamorfose,  
 É sermos o Um em Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável  
 transformação. (CIAMPA, 2001, p. 74).

A identidade é mais do que uma simples concepção abstrata, é relacionar com o outro sem deixar de ser um indivíduo. É ter características próprias no confronto com outras pessoas. É promover transformação e ser autor da sua história social.

Berger (2003) afirma que “a identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sócias”. (BERGER, 2003, p. 228)

Na construção do conhecimento da Psicologia Social tem-se como aspecto central o "grupo". Sua função é definir papéis e, conseqüentemente, a identidade social dos indivíduos; é garantir sua produção social. Para Lane (2002), o grupo é necessário para a sobrevivência do indivíduo, e por isso tende a ser visto como “natural” e “universal” na sua função de reprodução da pessoa.

Lane (2001) afirma que numa nova visão de grupo considerado pela Psicologia Social, o mesmo não mais é considerado como dicotômico em relação ao indivíduo (Indivíduo sozinho X Indivíduo em grupo), mas sim como condição para conhecer as determinações sociais que agem sobre estes indivíduos, sua ação como sujeito histórico, partindo do pressuposto que toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando os indivíduos se agrupam.

Portanto, é muito natural os indivíduos se reunirem em grupos, e a partir destes influenciar e serem influenciados, produzirem ações que satisfaçam suas necessidades, definem papéis e promovem transformações sendo agentes e participantes delas.

Para os adolescentes, o grupo tem uma grande relevância no seu desenvolvimento social e na formação da sua identidade. Segundo Ferreira (2003) na busca desta identidade, o adolescente desloca o sentimento de dependência dos pais para o grupo de companheiros, onde todos se identificam.

É por meio do grupo que ele passa a fazer a oposição à figura dos pais, enfrenta as dificuldades e o luto no que consiste em deixar a identidade infantil e construir uma identidade própria. Somente após passar por uma experiência grupal, o adolescente poderá começar a se separar do grupo envolvido e assumir uma identidade adulta.

Conclui-se que a Psicologia Social é fortemente influenciada por uma perspectiva do comportamento dos indivíduos em sua relação social e cultural e em que este comportamento

o afeta nos modos de interação. E neste estudo, a psicologia Social se torna um campo essencial, pois a mesma possibilita estudar a conduta social e a influencia deste na vida dos adolescentes.

### **3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

---

Depois de discorrer sobre a psicologia social, faz necessário revisar a literatura sobre Teoria das Representações Sociais (TRS), uma vez que a pesquisa pretende ser construída sobre as bases da Teoria das Representações Sociais (TRS). Esta teoria foi criada pelo psicólogo Romeno, Serge Moscovici (1978) que entendia que uma RS passa a existir quando um fenômeno se repete, estabelecendo uma vinculação de sentido comum que é ancorada e objetivada, sugerindo uma explicação com significado.

Nesta pesquisa buscamos as falas que se repetem e estabelecem a vinculação de sentido comum sobre Família e Liberdade, dos adolescentes participantes na faixa-etária dos 12 aos 17 anos completos de uma Escola Estadual no Município de Dourados-MS. Com a compreensão de sentido comum clara, será analisada em que estas falas se ancoram e objetivam na vida cotidiana dos participantes destacando assim a Representação social de Família e Liberdade para os mesmos.

Será relatada de forma breve a história do desenvolvimento desta teoria, partido das ideias de Durkheim (RC) e em seguida as considerações e modificações feitas por Moscovici (RS). Para tanto será tomado com base, além do próprio Moscovici, os autores Guareschi, Jovchelovicht, Minayo e Marková, que também são referências neste conceito.

A TRS tem uma contribuição significativa e transformadora nas ciências sociais de maneira específica na Psicologia Social da Saúde e nas pesquisas qualitativas. Esta pesquisa busca na fala dos seus participantes os modos pelos quais as RS são criadas e utilizadas para representar Família e Liberdade neste grupo.

### **3.1 A Teoria das Representações Sociais**

O conceito de RS foi introduzido por Moscovici na sua obra *La Psychanalyse – son image et son public*, publicada em 1961. Com este texto ele inaugurava o que viria a ser, um novo objeto da Psicologia Social, a saber, o estudo sistemático das RS. (JESUINO, 2011). Esta publicação ampliou o conceito de Representações Coletivas (RC) introduzido por Durkheim no final do século XIX.

Segundo Moscovici (1978) foi Durkheim o primeiro a propor a expressão “representação coletiva”. Desejando assim designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual (Moscovici, 1978, p.25). O conceito de RC de Durkheim foi empregado na elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico. Farr (2009) destaca a argumentação de Durkheim (1898) no sentido de que as representações coletivas não podem ser reduzidas as representações individuais, pois ele não pode inventar

uma língua ou uma religião. Esses fenômenos são produto de uma comunidade, ou de um povo (FARR, 2009, p.35). A religião é um produto da sociedade e compartilhada por ela assim como as ideias de Deus, os mitos e as mágicas.

Durkheim (1898) tinha interesse de estudar a sociedade. Defendeu a independência da sociologia da psicologia e para ele o que se chamava de fatos sociais somente poderia ser explicado em termos de outros fatos sociais. Segundo (MARKOVÁ, 2006) Durkheim (1898) adotou o ponto de vista de que o mundo pode ser entendido, não por meio de representações *a priori* de mente, mas sim por meio de experiência social (MARKOVÁ, 2006, p.175). Partindo deste entendimento, concede ao conceito da representação um significado explicitamente social, uma vez que as representações são geradas coletivamente na vida social.

Nós podemos compreender as coisas porque podemos imaginá-las, visualizá-las e senti-las. Nós experimentamos as coisas, elas vivem em nos na forma das representações que as expressam. (MARKOVÁ, 2006, p. 175)

Durkheim (1898) considerava que a natureza humana era dualista que dividem-se em pelo menos duas formas: uma entre o corpo e a mente e a outra entre a sociedade e o indivíduo. Sendo que o primeiro – corpo e mente - para ele são dois componentes da natureza humana não somente diferentes, mas também opostas entre si e muitas vezes em conflitos. As atividades psicológicas do corpo estão impregnadas com sensações e tendências emotivas enquanto que as da mente são constituídas de pensamentos conceituais e de moralidade. Da mesma forma, ele estendeu esse dualismo do corpo e da mente para o segundo tipo que é entre a sociedade e o indivíduo. Para este, Durkheim (1898) postulou dois tipos diferentes de psicologia: a individual (estudada pela psicologia individual) e a social (estudada pela psicologia social). Para ele as representações individuais não tem a ver como o conhecimento e sim é resultado da natureza física e biológica e, portanto variável e pessoal.

Enquanto degradava o status epistemológico das RI, Durkheim (1898), ao mesmo tempo, elevou o status epistemológico das RC. Ele fez delas a base da teoria sociológica do conhecimento. (MARKOVÁ, 2006, p. 177)

Portanto, a distinção aguda de Durkheim (1898), entre Sociologia (o estudo das representações coletivas) e a Psicologia (o estudo das representações individuais), fez com que se tornasse praticamente inevitável que, quando Moscovici propôs o estudo das representações sociais, esse novo campo fosse classificado como uma forma sociológica, e não psicológica, de Psicologia Social. Durkheim é considerado por Farr (2009), o principal responsável pela co-existência dessas duas formas alternativas de Psicologia Social na era

moderna. (FARR, 2009, p.36).

É importante o entendimento da distinção entre representações coletivas (RC) e sociais (RS) para Durkheim. As primeiras são fatos sociais e formam uma realidade social. Remetem à natureza supra-individual da pessoa, exprimem o ideal coletivo que tem origem na religião. As estruturas sócias surgem através das imagens, crenças, símbolos e conceitos e pode-se incluir a linguagem. As RC estão acima do indivíduo e tem o poder de gerar novas representações. Enquanto que a RS são consideradas “típicas são típicas de culturas modernas, espalham-se rapidamente por toda a população, possui curto período de vida, semelhante aos “modismos” e se comparam a epidemia” (ALEXANDRE, 2004).

Para Moscovici, o conceito de representação social tem origem na Sociologia e na Antropologia. Estas duas ciências serviram de elementos para a elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico. A TRS se desenvolveu a partir do conceito de representação coletiva de Durkheim. Originada na Europa, tendo sua expressão madura na obra de Serge Moscovici, psicólogo social, nascido em 1925, romeno de origem judaica, naturalizado francês. Ele estudou Psicologia, e se consagrou pela pesquisa em que investigou as Representações Sociais (RS) da Psicanálise na França. Em 1961, terminou a sua tese: *La Psychanalyse, Son image et son public* e propôs a Teoria das Representações Sociais, sendo a primeira vez que este conceito é mencionado por ele.

Também contribuíram para a criação da teoria das representações sociais, a teoria da linguagem de Saussure (1864), a teoria das representações infantis de Piaget (1896-1980) e a teoria do desenvolvimento cultural de Vigotski (1896-1934). (MOSCOVICI, *apud* GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2009).

Portanto, Moscovici não desenvolveu sua teoria num vazio cultural, além de Durkheim ele se apoiou também nos fundadores das ciências sociais da França. No entanto, ele modernizou a ciência social, ao substituir representações coletivas por representações sociais, a fim de tornar a ciência social mais adequada ao novo mundo.

O que motivou Moscovici a desenvolver o estudo das RS dentro de um trabalho científico foi, principalmente, sua crítica aos pressupostos positivistas e fundamentalistas das demais teorias que não davam conta de explicar a realidade em outras dimensões, principalmente na dimensão histórico - crítica (OLIVEIRA, 1998, p.104).

Durante os anos 1950 e 1960, após o período da Segunda Guerra Mundial, o conceito da representação coletiva e social havia desaparecidos dos estudos sociais psicológicos. E Moscovici, entendendo sua importância decide resgatá-lo, dedicando-lhe o primeiro capítulo



da La psychanalyse (A psicanálisa) como sendo um conceito perdido. A razão deste resgate está no fato de que Moscovici considerava o tema importante para o estudo do pensamento e da linguagem, como sendo um fenômeno genuinamente social e dinâmico. (MARKOVÁ, 2006, p.187).

Para Moscovici, a TRS além de um construto dinâmico, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente marcadas por constantes transformações (MOSCOVICI, 1978). Estas transformações se devem a conjunto de crenças, opiniões, informações e atitudes referentes a um objeto social.

Segundo Farr (2003), a história relata que a maioria dos teóricos anteriores à segunda guerra mundial distinguem a teoria das representações em dois níveis de fenômenos: o nível individual e o coletivo. Nestes dois níveis destacam-se os teóricos Wundt, que distinguiu entre a Psicologia (que investiga o individuo a partir do interior) e a Fisiológica (que investiga o individuo a partir do exterior). Durkheim (1898) que distinguiu entre os estudos da Representação individual e os estudos das Representações coletivas e Le Bon (1895) que distinguiu entre o individuo e as massas. Freud tratou o individuo clinicamente e desenvolveu uma critica psicanalítica da cultura e da sociedade.

Para Farr (2003),

A razão principal de se distinguir entre os dois níveis era uma crença, da parte do teórico, que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes do tipo de leis que explicavam os fenômenos em nível de individuo (FARR, 2003, p. 35).

Le Bon (1895) contatou a racionalidade do individuo com a racionalidade das massas. Ele foi o responsável pelo individualismo na Psicologia Social. Ele concebeu o coletivo como a massa ou a multidão, é uma massa ou multidão de indivíduos. Le Bon ajudou a estabelecer um elo entre a Psicologia Social e a psicopatologia. Ele exerceu grande influência no desenvolvimento do pensamento de Freud especialmente na década de 1920. Tanto que Freud mudou o enfoque de sua teorização do estudo clínico dos indivíduos para a crítica psicanalítica da cultura e da sociedade. Freud também escreveu seu trabalho tanto ao nível individual como coletivo. Desenvolveu sua própria técnica – psicanálise – baseada na associação livre. Principalmente em conexão com sua análise dos sonhos. Para ele os sonhos embora sendo individual seu conteúdo é influenciado pela cultura de quem sonha.

Para Moscovici, Piaget foi que deu o primeiro passo, quando estudou a RS do mundo infantil e sua intervenção permanece como um exemplo. Os dois compartilham de uma mesma postura epistemológica. “O mundo, tal como nós conhecemos, é o mundo que nós

construímos através de nossas operações psicológicas” (DUVEEN, 2009, p.262).

É através das representações sociais que os fenômenos das perspectivas coletivas do comportamento humano podem ser entendidos sem com isso deixar de valorizar a individualidade dos mesmos. Ela está relacionada com o estudo das simbologias sociais a nível tanto de macro como de micro análise.

Segundo Almeida (2011) apud Palmonari Moscovici elaborou o conceito de RS para explicar o comportamento social de um tipo particular de sociedade, a sociedade contemporânea, ligada aos processos de comunicação e informação social.( ALMEIDA, 2011 apud Palmonari, p. 312).

Segundo Guareschi (2007), os aspectos fundamentais do comportamento simbólico consistem de suas manifestações verbais e não-verbais, que são compreendidas e se tornam “visíveis” somente em relação aos significados comuns que eles adquirem para os que recebem as mensagens e para aqueles que a emitem. O simbólico é sempre social.

Para Moscovici (1978),

As representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Mostram-nos que, a todo instante, alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica (MOSCOVICI, 1978, p. 59).

Desta forma, o que se pensa, parece muito real, intenso e verdadeiro. E passa a ser a verdade de determinado grupo também. Ou seja, as representações individuais fazem parte do sujeito, mas também fazem parte do grupo onde o sujeito se encontra inserido. Pois ele não é um produto independente, mas também um sujeito social contextualizado com seu meio.

Guareschi (2007) destaca a insatisfação de Moscovici com a situação da Psicologia Social por isso ele dedicou-se em buscar uma teoria que o deixasse satisfeito. Com base nos estudos do conhecimento do senso comum em crianças de Piaget, ele Moscovici, questiona a possibilidade de o senso comum também fazer parte do conhecimento no adulto. Por meio da Psicologia da criança de Piaget ele propôs o conceito de RS baseado no pensamento de senso comum, no conhecimento e na comunicação. Na ocasião o conhecimento era apenas conhecimento científico. Aqui está uma primeira razão para a criação de uma teoria que pudesse reabilitar o senso comum. Ela se colocava no entremeio entre conhecimento científico e ideológico.

Para Moscovici, ideologia significava os enganos e distorções da realidade que, como entendiam os marxistas da época, deveriam ser esclarecidos e combatidos (GUARESCHI, 2007, p.34).

Marková (2006) pontua que para entender o conceito de RS é necessário observar o conhecimento de senso comum. Segundo a autora, o ser humano nasce num fenômeno simbólico e cultural, portanto não os inventam por eles mesmos em uma experiência individual.

O fenômeno cultural, no qual nascemos como os modelos do pensamento social, as cerimônias coletivas, as práticas sociais e a linguagem, são transmitidas de geração a geração através de experiências diárias de comunicação, da memória coletiva e das instituições, muitas vezes sem muito esforço individual e sem mudança cognoscível. (MARKOVÁ, 2006, p. 191)

Estes fenômenos contribuem na formação da realidade social fazendo parte do conhecimento de senso comum para o indivíduo que dela participa. Pois há uma consciência do que é certo e errado, faz uso de categorias morais como bom/ruim no trato com as pessoas sabendo que é responsável por suas ações e aprendem a entender os significados específicos das palavras na interação interpessoal e social.

O conhecimento de senso comum é um conhecimento aceito como certezas e é socialmente estabelecido. Para Moscovici ele constitui um recurso fundamental para a TRS como uma teoria do conhecimento social.

A RS, como teoria do conhecimento é polissêmica e o conhecimento polifásico. Ou seja, as pessoas são capazes de usar diferentes modos de pensamento, diferentes representações, de acordo com o grupo pertencente e ao momento em que respondem.

As RS são, pois, entidades concretas, realidades em si mesmas, conjuntos de saberes e práticas que constituem e ocupam um espaço vital e simbólico, no qual nos movemos, pensamos, falamos e somos levados a agir (GUARESCHI, 2007, p. 34).

Oliveira (1998) destaca que “as RS são “teorias” sobre saberes popular e do senso comum, elaborados e partilhados coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real” (OLIVEIRA, 1998, p. 105). Esta teoria coloca em pauta o conhecimento popular, suas maneiras de pensar e agir na vida cotidiana, o senso comum. O senso comum permite o conhecimento popular e este era o entendimento de Moscovici.

Já da ciência desconsiderava o conhecimento do senso comum, afirmando que o senso comum deveria ser eliminado. Com tudo, observado historicamente, este conhecimento foi e tem sido um dos principais recursos para o desenvolvimento do conhecimento científico. “A despeito disso, durante o desenvolvimento da civilização o conhecimento de senso comum tem sido tratado, implicitamente ou explicitamente, como sendo inferior ao conhecimento

científico”. (MARKOVÁ, 2006, p. 193)

Ao nascer numa determinada sociedade e cultura, o indivíduo nasce também no conhecimento de senso comum. Ele está ao seu redor e os adota seja para o melhor ou para o pior. Pois realizam ou participam de ações em conformidade com que foram socializados. O conhecimento de senso comum, também está entrelaçado com as diversas formas de pensamentos, de saberes e de comunicação.

MARKOVÁ (2006) pontua que durante sua carreira de Moscovici, argumentou que o conhecimento de senso comum e o conhecimento científico, embora sejam essencialmente diferentes se complementam pois estão baseados em tipos diferentes de racionalidade. (MARKOVÁ, 2006, p. 198).

Entende-se, portanto que desde a infância, o conhecimento é socialmente estruturado e transmitido em conformidade com os valores, normas, ideias, criando e recriando conhecimentos e representações, tanto em nível social quanto individual. Portanto, as representações sociais “devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”, com o objetivo, porém, de “abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de forma significativa” (MOSCOVICI, 2003, p. 46).

Para Moscovici o senso comum é “[...] a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem o qual nenhuma coletividade pode operar”. (MOSCOVICI, 2010, p. 60). Moscovici (2010) explica que existem dois universos de pensamento nas sociedades contemporâneas “pensantes”: os reificados (da ciência) e os consensuais (referentes ao senso comum). As ciências são os meios pelos quais nós compreendemos o universo reificado, enquanto as RS tratam do universo consensual. mas o modo de ambos pensarem não deixa de ser baseado na razão.

Xavier (2013) defende que:

As representações sociais são um sistema (ou sistemas) de interpretação da realidade, que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orienta as suas condutas e comportamentos no meio social, permitindo-lhe interiorizar as experiências, as práticas sociais e os modelos de conduta ao mesmo tempo em que constrói e se apropria de objetos socializados (XAVIER, 2003, p. 41).

Para que haja uma representação, é necessário certo controle, que na atualidade é promovida pela comunicação em massa. A comunicação promove a legitimação e dominação dos pensamentos e ideias para aqueles que por ela são atraídos.

Guareschi (1993) escreve

Já se tornou lugar comum dizer que a comunicação é o quarto poder. Esta afirmação – parece-nos – só seria falsa não pelo fato de a comunicação não ser um poder, mas pelo fato de que ela não seria o quarto, mas sim o primeiro e o mais forte dos poderes (GUARESCHI, 1993, p. 13).

Segundo o autor, a comunicação é poderosa porque tanto pode criar a realidade quanto desconstruí-la, quando se dedica ao tema em foco. E este controle tem o poder de fazer acontecer ou deixar de existir com a mesma velocidade. Também tem o poder de tornar os pensamentos comuns entre os que estão sob o domínio dos meios de comunicação. Esta influencia promove o que se chama de senso comum, onde todos pensam e comportam-se da mesma forma sem haver um questionamento mais apurado.

Moscovici (2010) destaca ainda os dois processos que dão origem às representações, entendendo que, não é fácil transformar palavras não familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais. Por isso considerou os dois processos que são: a ancoragem e a objetivação. “Certamente a ancoragem e objetivação foram e ainda são conceitos que explicam processos basilares para explicar como as RS são construídas e o que elas constroem”. (TRIDADE, 2011, p. 103).

Moscovici (2010) defende que

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2010, p.78).

Esses mecanismos transformam o não familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a esfera particular, onde o indivíduo compreende e interpreta e o reproduz de forma concreta e controlável por ele.

A **ancoragem** é o processo que transforma o que é estranho, perturbado, que intriga, no sistema particular de categorias do indivíduo e o compara a um paradigma de uma categoria mais apropriada. “É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizados) de nosso espaço social. (MOSCOVICÍ, 2010, p. 61).

Segundo Trindade (2011) a ancoragem corresponde exatamente à incorporação ou assimilação os novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos e que lhes estão facilmente disponíveis na memória. (TRINDADE, 2011, p. 110).

A ancoragem permite ao indivíduo integrar o objeto da representação no seu sistema

de valores, denominado e classificando-o em função dos laços que este objeto mantém com sua inserção social. O objeto é ancorado quando passa a fazer parte de um sistema de categorias já existentes, mediante alguns ajustes. É através da ancoragem que as discrepâncias, mesmo conscientes sobre a categoria que se coloca um indivíduo ou situações, que são adversas e incompreensivas, podem garantir um pouco de coerência entre o desconhecido e o conhecido. Pois ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa.

As coisas desconhecidas são para o indivíduo algo que promove o medo e o estranhamento. Portanto ele precisa dar nome ou mesmo rotular para superar as resistências, torná-lo familiar, classificado o inclassificado, de forma a torná-lo representável.

Classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a nossa classe. [...] Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele. (MOSCOVICÍ, 2010, p. 63).

Com isso não significa que se conhece o indivíduo, mas somente que há uma tentativa de reconhecê-lo. Isto é, descobrir que tipo de pessoa ou objeto ele é a que categoria pertence. Portanto classificar e dar nomes são aspectos da ancoragem das representações. Quanto à **objetivação** contribui para edificar simultaneamente o núcleo “imaginante” da representação e aquilo a que se chama realidade social. Ela torna concreta aquilo que é abstrato. Transforma um conceito em uma imagem de algo, retirando-o de seu quadro científico. (TRINDADE, 2011, p. 109).

Trata-se de privilegiar certas informações em detrimento de outras, simplificando-as, dissociando-as de seu contexto original de produção e associando-a ao contexto do conhecimento do sujeito ou do grupo. (TRINDADE, 2011, p. 110).

Neste processo perde-se a riqueza das informações, pois há uma simplificação do todo, mas ganha em compreensão. A análise desses processos constitui a contribuição mais significativa e original do trabalho de Moscovici, uma vez que permite compreender como o funcionamento do sistema cognitivo interfere no social e como o social interfere na elaboração cognitiva. Para Moscovici (2009), o processo de ancoragem, diz respeito ao enraizamento social da representação à integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente e às transformações que, em consequência, ocorrem num e noutro. Não se trata mais, como na objetivação, da construção formal de um conhecimento,

mas de sua inserção orgânica em um pensamento constituído.

Observa-se que a representação sempre será construída sobre algo que já existe. A busca de familiarização com o estranho e incompreendido pode, com a ancoragem fazer prevalecer quadros de pensamento antigos, posições preestabelecidas, utilizando mecanismos como a classificação, a categorização e a rotulação. E classificar, comparar, rotular supõe sempre um julgamento que revela algo da teoria que temos sobre o objeto classificado. Aos protótipos que orientam as classificações correspondem expectativas e coerções que definem os comportamentos que se adotam em relação às pessoas.

É importante observar o caráter dinâmico e volátil das RS em uma sociedade da comunicação em alta velocidade onde tudo muda muito rapidamente e que exige do indivíduo mudanças igualmente rápidas tanto no comportamento quando na busca por estar de acordo com o modo de ser e ter dos grupos sociais.

Os esforços despendidos pelos teóricos em desenvolverem estudos no campo da Psicologia Social como objetivo esclarecer o fenômeno das RS ficou muito claro neste estudo. Portanto, as RS são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um referencial que já existe e transmitidas através da linguagem e das imagens capazes de influenciar positiva ou negativamente pessoas de um dado grupo. Este fenômeno está ligado ao cotidiano dos indivíduos e de maneira especial na vida dos adolescentes, participantes desta pesquisa.

Entender as RS de família e liberdade para estes adolescentes está ligado ao conceito já estabelecidos pelas informações e crenças que partem tanto da sociedade como também das de sua família até mesmo os do conhecimento, da história especialmente através da linguagem como tentativas de apropriação e conhecimento dos elementos e fatos que cercam este grupo de indivíduos.

Pode-se concluir que a representação social é produto das crenças e conceitos individuais, mas que também é coletivo de determinado grupo, onde tais crenças e conceitos passam a ter um significado que o move em direção a ações comuns.





Neste t3pico faz-se uma revis3o te3rica de adolescente, a fam3lia e a liberdade, uma vez que s3o os objetos desta pesquisa. A revis3o te3rica permitir3 a compreens3o mais significativa e real dos processos do desenvolvimento dos adolescentes, como se relacionam e sua adapta33o a nova fase da vida. Em rela33o ao tema fam3lia, ser3 abordada sua import3ncia para a forma33o do adolescente, finaliza-se o t3pico, com o tema liberdade e sua influencia nas rela33es entre os pais e os adolescentes.

#### 4.1 A adolesc3ncia

A adolesc3ncia tem o seu conceito definido de diferentes formas pelos estudiosos do desenvolvimento humano. Segundo Os3rio (1989), a adolesc3ncia 3 uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. E etimologicamente, a palavra adolesc3ncia origina-se do verbo latino *adolescere*, que significa crescer ou desenvolver-se at3 a maturidade.

Para Erikson (1976) este per3odo se caracteriza como uma fase especifica do desenvolvimento, na qual a confus3o de pap3is, as dificuldades no estabelecimento de uma identidade pr3pria a marcam como um modo de vida entre a inf3ncia e a vida adulta. (Erikson, 1976, p. 128).

Aberastury (2008), afirma que adolesc3ncia 3 a perda definitiva da condi33o de crian3a, sendo um “momento crucial da vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que come3ou no nascimento” (ABERASTURY, 1981 p.13). Para o autor, as mudan3as psicol3gicas que ocorrem neste per3odo, produzem 3 correla33o de mudan3as no corpo, causando no adolescente uma nova percep33o no que diz respeito as rela33es com o mundo e com os pais. Ele passa de uma vis3o egoc3ntrica do mundo para uma mais objetiva.

Cabral e Nick (2007), define adolesc3ncia como:

Per3odo do crescimento humano usualmente situado entre o in3cio da *puberdade* e o estabelecimento da *maturidade* adulta. Em termos de desenvolvimento o per3odo caracteriza-se pela transi33o do est3gio infantil para o est3gio adulto de in3meras fun33es incluindo as sexuais, ap3s um interregno mais ou menos prolongado a que se d3 o nome de *per3odo de lat3ncia*. A adolesc3ncia inclui n3o s3 as mudan3as pubertais no corpo, mas tamb3m o desenvolvimento das capacidades intelectuais, interesses, atitudes e ajustamentos [...] (CABRAL; NICK, 2007, p. 15).

O termo puberdade deriva de p3bis, que diz respeito a cabelo. Ela 3 a fase de transi33o no processo evolutivo, abrange parte da fase infantil e parte da adolesc3ncia. Representa o in3cio de uma das fases mais importantes do desenvolvimento humano.

Rosa (1993) esclarece que esta fase, dentro de todo o período da adolescência, abrange de dois a quatro anos apenas e está dividida da seguinte forma:

O estágio pré-pubescente, durante o qual as características sexuais secundárias começam a aparecer. Nesse estágio, entretanto, os órgãos reprodutivos ainda não se encontram plenamente desenvolvidos. O estágio pubescente, durante o qual as características sexuais secundárias continuam a se desenvolver e os órgãos sexuais começam normalmente a produzir células germinativas. Finalmente, vem o estágio pós-pubescente, durante o qual as características sexuais secundárias se desenvolvem plenamente, e os órgãos sexuais começam a funcionar de maneira amadurecida (ROSA, 1993, p.32).

Para Campos (1987), o uso comum do termo não significa simplesmente o começo do processo de maturação sexual, mas sim como referência ao processo completo. E ainda destaca que: “As duas funções sexuais que indicam o amadurecimento sexual na adolescência é a ovulação na menina e a o espermatozóide no menino. Estes vão possibilitar a capacidade de procriação em ambos” (CAMPOS, 1987, p.17).

Durante a puberdade, o adolescente passa por uma série de mudanças como crescimento rápido e desproporcional do corpo, aumento do peso, aumento dos testículos e do pênis, o que provoca as poluções noturnas no menino; na menina surge à menarca ou a primeira menstruação, os pelos pubianos; mudança na voz dos meninos, aumento dos seios nas meninas, ebulições hormonais levando à explosão da sexualidade. À medida em que o adolescente cresce e amadurece biologicamente, a quantidade de hormônios secretados pelas glândulas endócrinas aumenta proporcionando o a maturação dos órgãos sexuais. Com estas mudanças, o adolescente passa, não só a ter novas capacidades intelectuais, mas a fazer uso delas para tomar decisões em sua vida.

Mas é importante pontuar, que esta visão do desenvolvimento do adolescente, não o define como um todo, pois estas mudanças ocorrem em todo o processo da vida humana, sendo que em cada fase tem suas características próprias. Também é importante compreender que as mudanças que ocorrem nesta fase do desenvolvimento não devem estar associadas de maneira específica na dissociação da fase infantil para uma nova fase (de certa forma confusa e desconhecida), onde o indivíduo é visto basicamente em preparação para a fase adulta (mais definida na compreensão de todos), tornando este período “invisível” e considerado apenas como a um preparo para uma fase (adulta) ainda distante e que não corresponde ao período em que realmente vive o adolescente.

Reconhecendo a adolescência, como um período do curso de vida essencial ao desenvolvimento do indivíduo Senna (2012), apresenta o percurso do estudo científico da

adolescência com base em duas fases sobrepostas da história das teorias do desenvolvimento humano, propostas por Lerner e Steinberg (2004; 2009) e reiteradas por Goosens (2006).

Na primeira fase ela descreve os processos de desenvolvimento na adolescência divididos em quatro grupos. No primeiro grupo, com ênfase na teoria biológica, baseada no desenvolvimento das espécies (filogênese) e na recapitulação do desenvolvimento do indivíduo (ontogênese). Aqui ela cita o conceito de Hall que define a adolescência como um período de transição universal e inevitável, considerando-a como um segundo nascimento. A cultura é influenciadora nesta fase, mas sem deixar de valorizar as diferenças individuais do adolescente e sua característica.

No segundo grupo tem como destaque as teorias de Freud que tem a intelectualização como o mecanismo de defesa adotado pelo adolescente para lidar com seus conflitos emocionais e do corpo, centrando-se mais nas questões abstratas e isentas de emoção. Ainda neste grupo, Erikson destaca a influência dos ambientes e o impacto da experiência social durante cada fase da vida. Sendo que no adolescente, esta crise se caracteriza pelo desenvolvimento da identidade, que está em constante mudança, e que depende das experiências e informações adquiridas nas interações diárias com outros.

No terceiro grupo de teorias de desenvolvimento é reconhecido por priorizar aspectos socioculturais da adolescência e preconizar que seu comportamento é moldado, até certo ponto, pelo ambiente social imediato (pais e pares) e pelo ambiente social amplo (cultura).

Finalmente, no quarto grupo desta primeira fase Jean Piaget privilegia os processos cognitivos do desenvolvimento afirmando que os comportamentos adolescentes que geram preocupações aos adultos têm sua origem nas mudanças da sua forma de pensar, característica do início desta fase. Com o desenvolvimento do pensamento formal, por meio da assimilação e da acomodação de novas estruturas, o adolescente revela uma maneira própria de compreender a sua realidade e constrói sistemas filosóficos, éticos e políticos como tentativa de se adaptar e mudar o mundo.

A segunda fase apresentada por Senna (2012) tem como tema a visão contextual do desenvolvimento do adolescente. Neste novo modelo as interações pessoa-contexto passam a ser vistas como um fenômeno do desenvolvimento psicológico que implica considerar: (a) a pessoa em constante desenvolvimento, devido ao fluxo de contínuas mudanças nas relações que ela estabelece com o ambiente; (b) o desenvolvimento humano caracterizado pelo grande potencial para mudança sistemática (plasticidade), em qualquer ponto no curso de vida; e (c) o significado do desenvolvimento humano inserido no contexto socio-histórico em que ele acontece (SENNA, 2012, p.103).

Com esta visão, o indivíduo tem seu desenvolvimento influenciado por vários fatores internos e externos, que variam de acordo com o tempo, valores, contextos e processos. Portanto fica claro que o desenvolvimento do adolescente tem influencia não apenas biológica, mas também de suas relações sociais e familiares.

Adolescer é, na realidade, enxergar o mundo em uma nova perspectiva, o que provoca um turbilhão de acontecimentos que se inicia no individual e culmina no social. No individual, com todas as transformações no corpo, mente e emoções; no social, podem-se destacar, as influencia vividas que o faz sentir parte de um grupo social com todas as suas peculiaridades. ´

É importante afirmar ainda que toda mudança trás o desequilíbrio e como as mudanças que acontecem na vida dos adolescentes vem acompanhada da imaturidade, os conflitos não são algo distante de todo este processo. Com o aumento da independência, surge uma inevitável mudança nos relacionamentos afetivos entre pais e filhos. À medida que vai atingindo a maturidade emocional, social e sexual, o adolescente tende, aos poucos, buscar a companhia dos amigos e namorados – alguns dos laços afetivos íntimos anteriormente reservados quase que exclusivamente aos pais.

É possível considerar que, neste momento, o adolescente busca sua identidade, uma vez que a crise evolutiva de identidade ocorre tipicamente neste período.

Segundo Hall (2006) a

[...] chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

O adolescente é produto deste meio. Vive numa sociedade pós-modernidade onde o contexto de espaços de produção de conhecimento cada vez mais ampliados e diversificados. Um cenário que se destaca pela velocidade e sincronicidade na socialização dos conhecimentos produzidos. É uma geração que está conectada a várias mídias e ao mesmo tempo, que tem as informações de massa constantemente atualizadas, o que os diferencia das gerações anteriores que não vivenciaram esta gama de possibilidades. Relaciona-se com outros adolescentes de perto e de longe através da internet e das redes sociais influenciando e sendo influenciados mutuamente.

O adolescente precisa ser compreendido no contexto em que está inserido. Mais do que isso, precisa ser visto como parte de uma sociedade em transformação e dinâmica. Ele

não pode ser considerado simplesmente por suas características biológicas e pelo comportamento. Ele é parte desta sociedade, parte de um grupo social e como parte deste grupo, também influencia e coopera.

## 4.2 Família

A família, desde a antiguidade é considerada um grupo social que exerce uma grande influencia sobre a vida das pessoas. É um grupo organizado e inserido em um contexto social mais amplo. Ela tem um papel fundamental na formação do individuo, determina e organiza a personalidade, e influencia no seu comportamento através das ações e medidas educativas que acontecem no âmbito familiar. Em fim, a família é responsável pelo processo de socialização da criança e do adolescente.

A família da pós-modernidade, diferentemente dos séculos anteriores, se organiza de várias formas e modelos, buscando atender as necessidades e realidade vivida por cada grupo. Segundo Ferrari e Kaloustian (2002, p. 14):

A família, da forma como vem se modificando e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares.

Dentre os modelos podem-se destacar uniões consensuais de parceiros separados ou divorciados, com ou sem filhos de outro relacionamento, filhos de pais diferentes, pais sozinhos, avós com netos, tios com sobrinhos, padrinhos e também casais do mesmo sexo. Com esta realidade torna-se impossível classificar a família nuclear apenas com base na família tradicional, pois a variedade de relações familiares é muito complexa. Minuchin (1982) afirma que a família sempre tem passado por mudanças que correspondem às mudanças da sociedade. (Minuchin, 1982. p.52). Com esta afirmação, pode-se entender que as famílias é dinâmica e pode ser composta nos mais variados modelos e estruturas.

Berenstein (1988) tem por base os conceitos de família advindos da Antropologia, da Sociologia ou da Psicologia. A definição advinda da sociologia os integrantes tem denominações distintas e que se sobrepõem. O exemplo é o fato de que o termo “tio” é tanto considerado tanto para o irmão do pai quanto para o da mãe. Enquanto que a denominação pai e mãe correspondem a um único tipo de relação. A família conjugal/de procriação seria composta de pai, mãe e filhos, enquanto que os outros membros reunidos na condição de

parentesco denominam-se “parentes”.

As definições sociológicas centralizam-se em tipologia familiar, que inclui a família nuclear ou de orientação, que integra marido, esposa e filhos. Sendo que o pai e a mãe tem papéis distintos de tal forma a atribuir ao sujeito do sexo masculino o desempenho do papel instrumental e o adulto do sexo feminino o papel de líder expressivo nas tarefas de cuidar do lar e da educação dos filhos.

A família pode ser compreendida também a partir do número de integrantes e da sua extensão, que determinam mudanças estruturais e ampliações no tamanho e na forma do grupo familiar, isto é, as reorganizações depois de mortes, divórcios e novos casamentos. A família nuclear é considerada, portanto, como uma unidade biológica.

Quanto à definição advinda da antropologia, a família é definida como “elementar” ao conjunto formado por homem, mulher e filhos. Ela possui três tipos de relações: de primeira ordem que dão entre pais e filhos do mesmo pai ou marido e mulher; de segunda ordem: aquele que a família elementar tem, através de um membro comum com outra família elementar como o irmão da mãe ou do pai e finalmente as que se tem através do filho do irmão do pai, a mulher do irmão da mãe. Todos formando uma estrutura de parentesco elementar. Finalmente, quanto às definições psicológicas descrevem o grupo familiar como um conjunto de relações. Relações estas que difere das famílias compostas apenas de pai, mãe e filhos, mas integram componentes de outros grupos, pessoas unidas por um parentesco ou que são significativas e aceitas na família.

As relações das pessoas dentro de um nexu caracterizam-se pela influencia recíproca direta, intensa e duradoura, sobre a experiência e a conduta de uns sobre as dos outros (Berenstein,1988, p.37)

Neste grupo, a família é composta de agregados que interagem e influenciam mutuamente. A família pode ser considerada como totalidade, sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por se considerarem pertencentes ao contexto vivido. A família é um sistema em transformação constante, pois mantém contato com os sistemas extra-familiares. As ações de seus componentes embora orientadas pelas características intrínsecas ao próprio sistema familiar podem mudar diante das necessidades e das preocupações externas.

Entende-se que a família é apontada como o referencial para os adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A.), em seu Capítulo III, Seção I, artigo 19, estabelece: "Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua

família e, excepcionalmente em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária..." (BRASIL, 2011).

Portanto, de acordo com o E.C.A., a família é o suporte necessário para que o adolescente tenha condições de desenvolver-se emocionalmente, fisicamente, socialmente e psicologicamente. É através da família que o adolescente construirá sua personalidade, desenvolvendo características próprias que o identifica e seguirá em busca de seus ideais e influencia positivamente na sociedade em que se estabelecer.

### **4.3 Liberdade**

A liberdade tem sido pauta de muitas discussões através dos séculos, durante o processo histórico da humanidade. Mas o que é liberdade? É possível viver a liberdade quando se faz parte de uma comunidade onde há o compartilhamento do mesmo espaço, mesma leis, crenças e objetivos? Segundo Danelon (2002) “a liberdade está no cerne da vida coletiva na medida em que viver no público significa conviver com o outro, ou seja, em toda a vida social e subjacente à relação entre o EU e o OUTRO”. (DANELON, 2002. p.1) Considerando que é exatamente nesta relação que se encontra o problema da liberdade. Pois os homens vivem em comunidade e o direito de um pode limitar a liberdade do outro. Também quando há uma relação parental ou mesmo social, existe a questão do controle, onde um tem poder de decisão sobre a vida do outro.

Explorando o conceito de liberdade, encontramos o expressado por Danelon (2002) apud Sartre (1999) onde ele destaca que a liberdade é, em Sartre, a liberdade do sujeito. Ou seja, para Sartre a liberdade só é liberdade de um sujeito cuja consciência é autônoma para escolher intencionalmente e livremente. Ele é produto da sua própria liberdade quando faz escolha por si mesmo. Sendo que o exercício da liberdade nas ações de escolher é sempre intencional, movida por vontade consciente dos princípios norteadores dessa escolha bem como de suas conseqüências.

Para Aguirre (2008) apud Perdigão (1999) a liberdade torna possível escolher entre todas as alternativas possíveis; “a liberdade humana está na autonomia da escolha, não consiste em poder fazer o que se quer, mas em querer fazer o que se pode” (PERDIGÃO, 1995, p. 89)

Partindo desta reflexão, entende-se que a liberdade é uma questão de consciência de si sem deixar de considerar o outro. Sua escolha implica em responsabilidade consigo e com o outro uma vez que o indivíduo convive em uma comunidade onde o outro também deve ser

considerado. Para o filósofo Jean-Paul Sartre a de liberdade, concebe como toda ação, escolha, objetivo ou condição de vida, que só podem ser manifestados no ato concreto. Segundo Aguirre (2008) apud Sartre e Perdigão (1995), se não há escolhas, não há liberdade, ela não pode ser abstrata e muito menos transcendente, pois se dá em nível consciente, no mundo e não separado dele. Entende-se que são muitos os conceitos do que é liberdade, mas neste trabalho a liberdade será abordada de forma subjetiva que segundo BOCK, (2002):

É a síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Esta síntese — a subjetividade — é o mundo de idéias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais (BOCK, 2002, p.23).

À medida que o indivíduo convive socialmente, interiormente constrói seu modo de ser e ver a vida, despertando novas ações e expectativas de mudanças tanto internas quanto externas, que são expressas no comportamento social.

Acredita-se que quando se pensa em liberdade, na mente tanto dos pais quanto dos adolescentes, *a priori*, pode significar uma vida sem regras, sem consciência dos compromissos com os estudos e outras obrigações, viver uma vida de liberdade sexual, não ser produtivo. Mas, na realidade, a liberdade subjetiva vai além do que o exterior apresenta. É a consciência das escolhas por si mesmo do que pode fazer para si sem deixar de considerar o outro. Gikovate (2000) defende que a “*Liberdade é uma sensação de alegria que deriva da coerência entre o que pensamos, nossas ideias, conceitos e comportamento objetivo que temos*” (GIKOVATE, 2000, p.18). Liberdade é ser coerente consigo, com seus conceitos e comportamento social.

Charbonneau (1980) destaca a necessidade de liberdade do adolescente da seguinte forma:

Por causa dessa perplexidade que ameaça tornar-se paralisadora, e desse receio que nos levaria facilmente a bloquear o impulso da liberdade na geração que temos por missão educar, torna-se imperioso lembrar a indiscutível necessidade de liberdade. Para ninguém ela seria facultativa e nenhum educador pode negá-la aos adolescentes. Ou os jovens serão filhos dela ou não serão ninguém. Ou os ajudaremos a assumir a sua existência com ela toda, ou serão abandonados a uma contestação estéril, a protestos exacerbados, a um niilismo desocupado diante de uma existência com a qual não saberão o que fazer (CHARBONNEAU, 1980, p. 133).



Para o autor, a liberdade está ligada à educação que estes adolescentes recebem de seus pais e educadores. Os pais devem entender a busca desta liberdade, como parte da educação aplicada durante os anos de vida dos mesmos no lar e pela família de modo geral. Para ele “a liberdade é, em primeiro lugar, *exigência da própria natureza humana*” (CHARBONNEAU, 1980, p. 134).

Lane e Codo (1984) ensina que

A introdução do homem na sociedade é realizada pela socialização, inicialmente a primária e, posteriormente a secundária. Na nossa sociedade, a socialização primária ocorre dentro da família, e os aspectos internalizados serão aqueles decorrentes da inserção da família numa classe social, através da percepção que seus pais possuem do mundo, e do próprio caráter institucional da família [...] (LANE E CODO, 1984, p. 5).

Mesmo que as famílias da pós-modernidade tenham se modificado, aumentando ainda mais os conflitos de gerações, sua influencia na vida do adolescente deve ser considerada, pois é nela que ele terá uma formação que o preparará para enfrentar as dificuldades internas e externas.

Segundo Conger (1979)

Este também é o período em que pais de adolescentes devem aprender a estabelecer novos tipos de relacionamentos entre si. Os primeiros devem ser capazes de reconhecer – e encorajar – as necessidades crescentes de independência por parte dos filhos. Permanecer pensando neles como “nossa linda filhinha” ou “nosso garotinho” e tratá-los dessa forma é uma prescrição para o desastre futuro, quer este assuma a forma de rebelião explosiva ou de dependência imprópria e cada vez maior (CONGER, 1979, p. 38).

Para alguns pais, perceber que os filhos cresceram e estão em busca de uma identidade própria, é uma realidade dura. Não conseguem perceber que esta atitude faz parte do desenvolvimento de qualquer ser humano. E, por não compreenderem este momento tão singular e importante para este grupo, surgem os conflitos de autoridade e controle, pois os pais decide impor sua autoridade como forma de controle. O que prejudica, em muito, as relações e possíveis oportunidades de perceberem o conflito que os adolescentes tem entre o desejo da independência e a necessidade de continuarem dependentes dos pais.

As necessidades de dependência continuam a existir, quase sempre numa aliança difícil e frágil com as necessidades de independência. Isso se deve, em parte, às muitas coisas que se estão modificando no mundo do adolescente, eles precisam com urgência de uma base de segurança e estabilidade no lar e nos pais (CONGER, 1979, p. 40).

Os indivíduos mudam fisicamente, em seus conceitos e na forma de ver e enfrentar as situações. Muitas vezes os pais, conscientes ou inconscientemente, ignoram a evolução de seus filhos e por isso têm dificuldade de aceitar e até promover a busca desta independência e, automaticamente, a busca de liberdade.

De acordo com Bauman (1989)

O desejo de liberdade nasce da experiência da opressão, isto é, da sensação de não se poder deixar de fazer o que se preferiria não fazer (ou não poder abster-se de o fazer sem se expor a uma pena que é ainda mais desagradável do que a rendição à exigência original), ou da sensação de não se poder fazer o que se desejaria fazer (ou de não poder fazer-lo sem se expor a uma pena mais dolorosa do que a abstinência dessa ação) (BAUMAN, 1989. p.81).

Adolescer é exatamente viver um momento de busca de identidade própria e valorizar seus pensamentos e ideias passam a ser muito importante e construtivo. Isto para eles é a liberdade que reflete no comportamento e na vontade de fazer a diferença.

A liberdade de expressão e social é exigência do momento em que o adolescente vive. Isso influenciará em sua vida psicológica tanto quanto em seu desenvolvimento físico e social. A sociedade e, principalmente, as famílias, precisam entender e apoiar o adolescente nesta busca, para inculcar-lhes as verdadeiras responsabilidades embutidas nelas.

Porque independe de todas as crises, os adolescentes buscarão, de uma forma ou outra, encontrar-se neste emaranhado de conflitos, deles, dos pais e da sociedade, uma forma de entender qual o seu lugar no mundo, mesmo que percam (embora desejem manter), os laços que durante toda sua infância foram referências de segurança.

Pensar em liberdade, segundo o conceito dos adolescentes, tem como ponto de partida conviver com outros iguais em praticamente todos os sentidos. Esta liberdade também implica em manter um padrão exigido pelo grupo tanto no que diz respeito ao comportamento quando o estilo de ser e ter. E a sociedade em que estão inseridos, é uma sociedade que incentiva também o consumismo por parte deste grupo, e tem conduzido estes adolescentes a uma visão consumista também. Para tanto, entendem que a liberdade também está em obter bens de consumo, até mesmo como condição de fazer parte dos grupos sociais sem serem rejeitados.

Pensando subjetivamente, pode-se concluir que, o desejo de liberdade, por parte dos adolescentes encontra-se muito centrado nos níveis: emocional e das relações sociais – quando, em busca da identidade, escolhem os iguais, afastando assim da relação afetiva, antes exclusivas dos pais e no nível cognitivo – quando entende que tem potencial e capacidade de pensar por si mesmo e tomar decisões mais centradas em seus interesses, inclusive buscando

soluções para os problemas que os afastam das possibilidades da convivência social de forma completa.

O papel da família neste processo é importante, pois uma vez que este adolescente é orientado e compreendido no processo do seu desenvolvimento nas áreas já mencionadas, conseguirá viver esta etapa de sua vida, enfrentado sim as turbulências próprias do momento, mas de forma saudável, podendo chegar na próxima fase (adulta) de forma equilibrada e reconhecendo seu lugar na sociedade em que está inserido.



A presente pesquisa tem cunho eminentemente qualitativo visto que responde às questões subjetivas. Segundo Minayo (2007) a pesquisa qualitativa preocupa-se em responder questões muito particulares, em um nível de realidade que não pode ser quantificado. Para a autora, este método trabalha com as experiências e vivências, um universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um conjunto de fenômenos humanos entendidos como parte da realidade social, não podendo ser traduzidos em números e indicadores quantitativos.

### **5.1 Procedimentos da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual no Município de Dourados/MS, com adolescentes na faixa-etária dos 12 aos 17 anos completos. A pesquisadora, após apresentar a proposta de pesquisa com o título “As representações sociais de família e liberdade em adolescentes de uma Escola Estadual no Município de Dourados-MS”, cujo objetivo era compreender a representação social de família e liberdade em adolescentes, fez o convite aos adolescentes, destacando que a participação era livre e que somente os alunos que desejassem participar deveriam se manifestar. Aos que se dispuseram participar foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido para levarem para casa para autorização dos pais ou responsáveis.

Os instrumentos usados foram o questionário sócio-demográfico e um roteiro de entrevista. Os alunos e alunas que aceitaram participar da pesquisa e que foram autorizados pelos pais e responsáveis foram convocados individualmente para uma sala concedida pela direção da escola e previamente preparada pela pesquisadora.

Com a lista dos alunos autorizados a participar da pesquisa e a seria que pertenciam, a pesquisadora foi em cada sala pedir a liberação, por parte do professor, do aluno para o momento da entrevista. Mesmo sabendo que os professores estavam informados sobre a pesquisa, o cuidado de se apresentar e informar do procedimento com os alunos foram considerado pela pesquisadora. Ato este que foi muito positivo neste momento, pois havia por parte dos professores uma disponibilidade maior em cooperar. Somente um dos professores que preferiu não permitir a saída de seus alunos. E para não perder a participação dos mesmos, a pesquisadora decidiu voltar à sala na troca de professor. Conseguindo assim atingir os objetivos propostos.

Assim que o aluno era liberado, ele era encaminhado à sala de entrevista. Após a apresentação e a ciência sobre o objetivo daquele momento, o aluno recebia e preenchia o questionário sócio-demográfico e em seguida a entrevista era realizada, gravada em um gravador de voz, seguindo o roteiro de entrevista previamente preparada para esta pesquisa..

Ao termino o aluno retornava à sala, e conforme já combinado com o professor o próximo aluno da lista era liberado.

A pesquisa foi realizada durante três semanas, pois algumas dificuldades como o uso da mesma sala (reuniões e audiovisual) pelos professores aconteceram neste tempo e a pesquisadora teria que interromper os trabalhos no período, também período de provas e a ausência dos alunos alistados fizeram com que o tempo programado fosse ampliado e exigindo assim mais tempo nesta etapa.

Dos termos de consentimento livre e esclarecido distribuídos entre todos os alunos da faixa etária de 12 a 17 anos, foram devolvidos, devidamente assinados pelos pais e pelos adolescentes apenas 42. Sendo que dos 42 alunos autorizados pelos pais e que aceitaram participar da pesquisa 13 alunos voltaram atrás, e não participaram. Ficando um total de participantes na pesquisa de 29 alunos.

A pesquisadora pode perceber que os adolescentes que se negaram a participar da pesquisa, em sua maioria estavam concentrados em uma das classes onde a faixa etária era composta de alunos entre 15 a 17 anos. Percebeu-se que nesta sala havia um acordo entre os mesmo de rejeitar o convite feito. Ao chegar à sala e os convidar para se dirigirem ao local onde haveria a entrevista, um representante comunicou que não participariam. Ao serem questionados apenas sorriram e afirmaram que não participariam. Como estavam em aula e não poderia haver a interferência da pesquisado, e a professora também não manifestou-se a pesquisadora decidiu respeitar a decisão dos alunos, entendendo que os mesmos decidiram usar de sua liberdade para a escolha.

Ainda, dentro deste grupo de 13 alunos que decidiram não participar da pesquisa, houve aqueles que pensaram que seriam um tempo maior fora da sala e que poderiam deixar de participar das atividades em aula, caso aceitassem participar da pesquisa. Como receberam informações dos que já haviam participado, e entenderam como seria, também fizeram a escolha de não cooperar com a pesquisa e portanto ficaram entre os que desistiram mesmo tendo sido autorizados pelos pais e reesposáveis. Entendendo a situação, a pesquisadora considerou as entrevista concluída com o numero de 29 participantes de ambos os sexos, na faixa etária dos 12 anos a 17 anos completos, que estudavam no período matutino e vespertino da escola. Sendo 07 adolescentes do sexo masculino e 22 adolescentes do sexo feminino.

## **5.2 Análise do Conteúdo**

Durante esta etapa, a pesquisadora iniciou a análise do conteúdo composto pelas falas e posteriormente realizou-se a transposição das falas dos participantes em uma tabela de

categorização.

Esta tabela permite indexar as falas e verificar as que se repetem de forma recorrente pelos participantes. As que se repetem de forma recorrente será posta em análise a partir de categorias de sentido comum, de maneira que seja possível mostrar que uma determinada expressão, pela sua recorrência, opere como compreensão de senso comum.

Os dados foram organizados da seguinte forma: transcrição das falas na íntegra, agrupamento das mesmas de acordo com as categorizações, identificação e transcrição das falas que mais se repetem na tabela de categorização e finalizando com a análise das que se convergem para uma representação.

Na análise foram identificadas as falas que apontam para uma mesma compreensão de família e liberdade. Estas compreensões serão analisadas de forma detalhada.

### **5.3 Instrumento e Procedimento de Coleta de Dados**

Os instrumentos usados foram o questionário sócio-demográfico (apêndice C), e um roteiro de entrevista (apêndice B). Tratou-se de um conjunto de perguntas que solicitava do pesquisado respostas conforme sua realidade. As perguntas contemplaram os seguintes itens: sexo, idade, com quem mora e fonte de renda. A aplicação deu-se no momento em que o adolescente chegava para a entrevista.

Quanto ao roteiro de entrevista, destaca informações de natureza qualitativa, permitindo a compreensão mais apurada dos problemas estudados. Contendo perguntas abertas que permitiram observar de forma subjetiva as manifestações do entrevistado.

Este momento da pesquisa foi importante e teve como objetivo conhecer as compreensões das representações sociais de família e liberdade para cada adolescente. Para esta atividade a pesquisadora usou gravador de voz digital, sendo que, na conversa inicial, o adolescente era informado do procedimento. O instrumento foi muito bem aceito.

Os conteúdos foram transcritos e analisados destacando-se as falas dos adolescentes sobre família e liberdade. E o resultado destas análises foi transcrito no mapa de categorias, seguido da análise categorial quando se estabeleceu quais são as constantes adjetivas em relação a família e liberdade, entendendo estas adjetivações como possíveis referenciais à representação social de família e liberdade, na medida em que são constantes nas falas dos pesquisados.

## 5.4 Aspectos Éticos da Pesquisa

A pesquisadora esteve em contato com a direção da escola e neste encontro foi apresentado o projeto e a intenção de se fazer a pesquisa na escola. A direção, após uma reunião com a coordenação e com os professores, decidiu aprovar a realização da pesquisa com os alunos.

Após a identificação de 100% dos alunos e o período das aulas dos mesmos, a pesquisadora fez o convite passando de sala em sala, apresentando os objetivos da pesquisa e esclarecendo as dúvidas apontadas pelos alunos, bem como informando o local onde os encontros seriam realizados. Neste contato foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento – TCTE - aos adolescentes interessados, que o levaram para casa e, junto com os responsáveis, leram e assinaram. A autorização dos adolescentes e responsáveis, que foi recolhida nas salas de aulas dois dias depois da entrega. Os alunos foram convidados a ir até a sala designada pela direção, onde aconteceram as entrevistas através dos questionários sócio-demográficos.

Esta pesquisa não apresentou qualquer malefício aos participantes ou seus familiares e seguiu o que preconiza Conselho Nacional de Saúde (CNS) para pesquisas com seres humanos, através da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996 (BRASIL, 1996), que pondera no seu parágrafo III.1:

A eticidade da pesquisa implica em: a) consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (autonomia). Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade (RESOLUÇÃO Nº 196, DE 10 DE OUTUBRO DE 1996, acesso 23/01/12).

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Católica Dom Bosco, que avaliou e aprovou a realização da pesquisa.

## 5.5 Tabulação e Tratamento Qualitativo dos Dados

Os dados sócio-demográficos foram tabulados de acordo com cada item: sexo, com quem mora e se possui ou não rendas e que tipo de renda, caso a resposta seja positiva, e foram organizados em tabela para facilitar a visualização.

O tratamento qualitativo fez uso das seguintes estratégias: análise de cada entrevista,



retirando delas palavras-chaves; a categorização das falas a partir das TRS, levantando compreensões de senso comum sobre família e liberdade vinculadas pelos participantes. Em seguida, indicar a ancoragem e a objetivação destas compreensões de senso comum e assim chegar as RS.



Como mencionado, esta pesquisa discute o tema das RS família e liberdade em adolescentes de 12 a 17 anos completos, que cursam o ensino médio em uma escola estadual no município de Dourados-MS. Sendo que para o tratamento e a análise dos dados construídos utilizou-se a abordagem qualitativa e a análise de conteúdo das falas.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ela responde às questões subjetivas e trabalha com o universo de significados que se desenvolve em ambiente e situação natural. Seu objetivo é trazer à luz, dados, indicadores e tendências observáveis.

Segundo Minayo (2010) o método qualitativo

É o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os homens fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2010, p.57).

A pesquisa qualitativa trabalha as experiências e vivências, um universo de significados e atitudes que correspondem ao conjunto de fenômenos humanos entendidos como parte da realidade social.

Nesta pesquisa a apresentação da discussão foi feita com base nas falas dos participantes. Para obtenção dos resultados utilizou-se a interpretação das referidas falas dos adolescentes, com o objetivo de compreender a representação social de família e liberdade para os mesmos.

As falas foram organizadas sob duas categorias de análise: família e liberdade. A partir daí cada uma foi analisada, em busca da compreensão de família e liberdade, expressa pelos participantes, estabelecendo a repetição como critério de seleção das mesmas, a relação entre cada uma a partir da recorrência de uma mesma compreensão de senso comum de família e liberdade que atravessassem todas.

Verificada as compreensões de senso comum no conjunto das falas, o passo seguinte consistiu em como esta compreensão de sentido comum, tem incidência sobre a vida cotidiana do participante e do grupo familiar, por último como se ancora e como se objetiva para poder ser considerada uma RS.

Para finalizar esta apresentação da discussão das falas dos participantes, serão analisadas as RS de família e liberdade, mostrando as relações e a incidência que provocam na vida cotidiana dos participantes e do grupo familiar.

Da análise das falas emergem diferentes compreensões do tema família e liberdade compartilhadas pelos entrevistados. Essas compreensões caracterizam diferentes representações sociais como: RS de Família: como instituição importante na vida do adolescente; como lugar de cuidado; como lugar de orientação; e como lugar de formação; RS

de Liberdade: como autonomia de movimento e como autonomia para se relacionar.

## 6.1 Caracterização dos Participantes

O questionário foi elaborado exclusivamente para atender aos objetivos da pesquisa. Segundo Gressler (2004) “o questionário é constituído por uma série de perguntas, elaboradas com o objetivo de se levantar dados para uma pesquisa”. (GRESSLER, 2004, p. 27). O questionário sócio-demográfico não foge deste conceito, pois o mesmo tem a finalidade de fornecer dados que permitirão conhecer a população estudada quanto ao seu modo de vida, sua realidade econômica e familiar.

As informações fornecidas pelos adolescentes foram organizadas (Tabela 01) e, em seguida, interpretou-se os resultados.

**Tabela 01** - Tabulação do Questionário Sócio-Demográfico

Nº	SEXO	IDADE	COM QUEM MORA	POSSUI OU NÃO RENDAS	TIPO DE RENDA	REVENHA FAMILIAR	QUEM CONTRIBUI NO SUSTENTO DA CASA	PROFISSÃO DOS PAIS	GRAU DE INSTRUÇÃO DOS PAIS	RELAÇÃO AFETIVA DOS ADOLESCENTES	ATITUDE DOS PAIS COM A RELAÇÃO AFETIVA DOS ADOLESCENTES	VALOR DADO DE 00 A 10 A			
												FAMILIA	ESCOLA	TRABALHO	AMIGOS
01	F	15	Pais e irmãos	Não	-----	Um salário mínimo	Pais	Pai pedreiro e mãe diarista	Pai fundamental e mãe ensino médio	Já ficou, mas está só.	Os pais não sabiam	8	10	7	6
02	F	16	Mãe e irmão	Sim	Pensão	Um salário mínimo	Mae e minha pensão	Gerente de loja	Mae universitária	Já ficou, mas está só.	Os pais não sabiam	3	3	0	10
03	F	15	Pais e irmão	Sim	Trabalha de manicure	Mais que um salário mínimo	Pais	Pai pedreiro e mãe vendedora numa loja	Ensino básico.	Namorando	Os pais sabem e não ligam	2	8	6	10
04	M	16	Pais, irmãs e avós	Sim	Ajuda o tio e recebe um valor mensal	Mais que um salário mínimo	Todos de casa.	Pai caminhoneiro e mãe doméstica.	Ambos ensino fundamental	Já ficou, mas está só.	Os pais sabem e permitiam	6	8	8	8
05	F	15	Pais (padrasto) e irmãos	Sim	Trabalha de babá	Um salário mínimo	Pais	Ambos vendem alimentos	Ambos ensino fundamental	Namorando	Os pais sabem e permitiam	10	8	2	10
06	F	13	Pais e irmão	Sim	Mesada	Mais que um salário mínimo	Pai	Vendedor e dona de casa	Pai universitário	Já ficou, mas está só.	Os pais não sabiam	10	9	9	9
07	M	17	Pais	Não	-----	Mais que um salário mínimo	Pais	Pai auxiliar de pedreiro e limpeza a mãe.	Ambos ensino médio	Ficando	Os pais não sabem	10	9	10	10
08	F	17	Pais e irmãos	Não	-----	Um salário mínimo	Pai	Autônomo	Ambos ensino básico	Já ficou, mas está só.	Os pais sabiam e permitiam	10	9	8	6
09	M	17	Com avós	Não	-----	Mais que um salário mínimo	Avós	Autônomo e avó doméstica	Ambos ensino fundamental	Namorando	Os pais sabem e permitem	7	9	10	7
10	F	14	Paise irmã	Sim	Negócio da família	Mais que um salário mínimo	Pais	Pai microempresário e mãe cozinheira	Pai ensino fundamental e mãe universitária	Namorando	Os pais sabem e permitem	7	5	4	10
11	F	14	Pais	Sim	Limpa a cada da avó	Um salário mínimo	Todos	Pai pintor e mãe técnica de enfermagem	Pai ensino fundamental e mãe ensino médio	Já ficou, mas está só.	Os pais sabiam mas não ligavam	10	2	4	10

12	F	13	Mãe, padrasto e irmãs	Sim	mesada	Mais que um salário mínimo	Pais	Padrasto tesoureiro e mãe enfermeira	Ambos 3 grau	Já ficou, mas está só.	Os pais sabiam então gostavam	10	10	10	10
13	F	15	mãe e irmão	Sim	Pensão	Mais que um salário mínimo	Mae	Pai cuida de uma fazenda e mãe atendente.	Ambos ensino médio	Namorando	Os pais não sabiam	10	10	1	10
14	M	14	Pai, mãe e irmã	Não	-----	Um salário mínimo	Pais	Pai vendedor e mãe assistente de farmácia	Ambos ensino médio	Ficando	Os pais não sabem	9	7	6	9
15	F	13	Pai, mãe e irmã	Não	-----	Mais que um salário mínimo	Pais	Entregador e cobrador e a mãe técnica de enfermagem	Ambos ensino médio	Já ficou, mas está só.	Os pais não sabiam	10	10	0	10
16	M	14	Pais e irmã	Sim	Ajuda o pai e recebe	Mais que um salário mínimo	Todos	Pai metre de obras e mãe domestica	Ambos ensino básico	Namorando	Os pais sabem e permitem	5	2	10	10
17	F	14	Pais	Não	-----	Mais que um salário mínimo	Pais	Pai Advogado e enfermeira a mãe.	Ambos 3 grau	Já ficou, mas está só.	Os pais sabiam mas não ligavam	7	9	0	9
18	F	15	Pais e irmãos	Sim	Mesada	Mais que um salário mínimo	Pais	Pai detetive particular e mãe vendedora	Ambos ensino médio	Nunca namorou	-----	10	10	0	10
19	M	14	Pais e irmãos	Não	-----	Mais que um salário mínimo	pai	Pai vendedor mãe não trabalha	Ambos ensino fundamental	Já ficou, mas está só.	Os pais sabem e não gostavam	10	10	10	8
20	F	14	Mãe e irmã	Sim	Lancho nete e ganha meio salário	Mais que um salário mínimo	Mae	Funcionaria pública	Universitária	Já ficou, mas está só.	Maesabia mas não ligava	10	8	8	9
21	F	13	Pais	Sim	Mesada	Mais que um salário mínimo	Todos	Pai encanador e mãe coordenadora	Pai ensino médio e mãe 3 grau	Nunca namorou	-----	10	7	5	9
22	F	14	Mae e irmã	Não	-----	Mais que um salário mínimo	Mae	Professora	3 grau	Nunca namorou	-----	10	10	5	9
23	F	14	Mãe e irmão	Sim	Trabalha na casa da avó.	Mais que um salário mínimo	Mae	Domestica	Ensino médio	Nunca namorou	-----	10	10	5	10
24	M	15	Paise irmãos	Sim	Faz bicos	Mais que um salário mínimo	Pais	Tratorista e cabeleireira	Ambos ensino básico	Já ficou, mas está só.	Os pais sabem e permitiam	10	6	9	10
25	M	14	Padrinhos	Não	-----	Mais que um salário mínimo	Padrinhos	Motorista de caminhão e merendeira	Ambos ensino fundamental	Nunca namorou	-----	10	8	10	10
26	F	13	Mãe e irmão	Sim	Pensão	Um salário mínimo	Mae e a pensão do pai	Pai comerciante e mãe domestica	Ambos ensino fundamental	Já ficou, mas está só.	Os pais sabem e não gostavam	10	5	10	10
27	F	15	Pais e irmãos	Não	-----	Mesada	Pais	Agricultor e mãe bancaria	Ambos ensino médio	Já ficou, mas está só.	Os pais sabiam e não gostavam	9	8	0	9
28	M	17	Pais	Sim	Trabalha	Mais que um salário mínimo	Pais	Operador de empilhadeira e mãe agente de saúde	Ambos ensino médio	Já ficou, mas está só.	Os pais sabiam e não gostavam	10	10	10	10
29	F	16	Mae	Sim	Mesada	Mais que um salário mínimo	Mae	Autônoma	Ensino médio	Namorando	Mae permite.				

Na Tabela 01 – apresentada como resultado do questionário sócio-demográfico percebe-se que o número de adolescentes que se declararam do sexo feminino é maior que os do sexo masculino. Sendo 20 e 09, respectivamente.

Idade dos adolescentes participantes da pesquisa se encontra entre os 13 aos 17 anos. Sendo assim distribuídos: 13 anos = 05 / 14 anos = 10 / 17 anos = 07 / 16 anos = 03 / 17 anos = 04. Sendo que a idade predominante foram os alunos na faixa etária dos 14 anos. Na turma dos alunos de 16 anos, a pesquisadora encontrou dificuldade, pois fazem parte da turma do matutino, e neste horário houve a negação por parte de um dos professores quanto à liberação dos seus alunos, pelo fato de que estava aplicando atividades, e também por ser o horário das aulas de educação física. Na turma dos alunos de 17 anos, houve um cominado do grupo de alunos no horário vespertino para não participar da pesquisa, portanto ocorreu o baixo número nesta faixa etária.

Quanto aos outros grupos, não houve dificuldades, mesmo sendo um número menor como os alunos dos 13 anos, pois está mais relacionado ao fato de que entregaram os termos de consentimento livre e esclarecido, distribuídos entre todos os alunos da faixa etária de 12 a 17 anos devidamente assinados por eles e pelos responsáveis.

Quanto ao grupo familiar os que moram com a mãe e outros do grupo familiar são 09. Os que declararam morar com os pais foram um total de 19 adolescentes e apenas 01 declarou morar com a mãe e o padrasto. Portanto, a maioria predominante dos adolescentes mora com os pais.

A renda familiar se encontra entre um salário mínimo a mais que um salário. Sendo que segundo os 29 entrevistados, 06 famílias recebem apenas um salário e 23 recebem mais do que um salário. Dos adolescentes que moram com os pais 10 não possuem renda e 10 possuem como resultado de mesada ou porque ajudam nas atividades da família e recebem uma recompensa para seu uso pessoal. Dos que moram com a mãe 07 possuem renda, proveniente da pensão que recebem do pai, sendo que 04 deste grupo também trabalha informalmente e usa o recurso para suas despesas pessoais como lazer e apenas 01 dos que moram com a mãe que não tem renda, pois o pai faleceu e não deixou recursos e finalizando, 01 dos adolescente mora com a mãe e o padrasto e também possui renda proveniente de pensão do pai também.

Dos adolescentes que moram com os pais e que possuem renda, se comparado com os que não recebem os números se mostram bem equilibrado, pois em ambos o total são 10. )1 dos adolescentes que mora com o padrasto declarou também possuir renda proveniente da pensão que recebe do pai. Entre os que moram sob a guarda da mãe 07 possuem renda e 01 não. O que significa que os pais tem assumido a pensão, que é direito da criança e do adolescente. Mas conforme relato dos entrevistados, em todos os casos, a mãe quem administra este valor, usando-o para as despesas da casa e com o próprio adolescentes.

Também conforme relato 04 destes adolescentes realizam trabalho informal para complementar suas despesas pessoais.

Quanto o sustento da família, 16 são os pais quem assumem juntos, das que apenas a mãe assume são 05, aquelas que a mãe e a pensão do adolescente são 02, também existem aquelas que todos contribuem inclusive o adolescente, ao usar sua renda proveniente das atividades remuneradas para uso pessoal, portanto considerado por eles co-participante no sustento da família são 04. Apenas 01 adolescente declarou que a avó sustenta a casa e mais 01 declarou que o padrasto. Percebe-se que há uma predominância por parte dos pais como os provedores das famílias (16).

Em relação da profissão dos pais, meio de sustento das famílias, os adolescentes indicaram a profissão de cada um dos genitores e dos responsáveis. As profissões serão colocadas aqui seguindo o critério do maior numero de profissionais para o menor e separando entre pais e mães e outros parentescos. As profissões indicadas para os pais: pedreiro 04, vendedor 04, declarado autônomo 03, caminhoneiro 02, microempresário 01, pintor 01, administra uma fazenda 01; agricultor 01, entregador e cobrador 01, advogado 01, detetive particular 01; encanador 01, operador de empilhadeira 01, comerciante 01 e tratorista 01.

As indicadas para as mães: domestica 05, vendedora 04, dona de casa 02, cozinheira 02, enfermeira 02, diarista 01, gerente de loja 01, funcionária pública 01, coordenadora 01, professora 01, cabeleireira 01, agente de saúde 01, técnica de enfermagem, 01 e assistente de farmácia 01. Padrasto: tesoureiro 01 e avó: domestica 01.

O Grau de instrução dos pais e responsáveis dos adolescentes ficou distribuído da seguinte forma: Fundamental: pais 09 e mães 06. Ensino médio: pais 13 e mães 14. 3º grau incompleto: pais 00 mães 03 e 3º completo: pai 03 e mãe 04.

No ensino fundamental há uma predominância dos pais com maior numero (eles 09 contra 06 delas). Enquanto que no ensino médio a diferença é de apenas um número a mais para as mães (eles 13 contra 14 delas). Quanto à formação universitárias as mães estão em maior numero (elas 07 e eles 03).

Falando agora de relacionamento, os resultados das pesquisas apontaram para o seguinte. Declaram estar namorando: F = 04 e M 03. Ficando: F = 00 e M = 02. Já ficou, mas está só: F = 09 e M 03. Nunca namorou e nem ficou: F = 07 e M 01.

Com este quadro, percebe-se que entre os meninos o namoro e o ficar predomina, pois dos 09 participantes do sexo masculino 08 já tiveram ou estão num relacionamento enquanto que apenas 01 deles declarou que nunca namorou. Em relação às meninas, das 20 que

participaram da pesquisa 13 já estiveram ou estão em um relacionamento e 07 nunca namoraram ou ficaram com alguém.

Ao serem questionados sobre o comportamento dos pais quanto aos relacionamentos afetivos, dos 21 adolescentes que declararam já ter tido um relacionamento, 05 do sexo feminino e 02 do sexo masculino declararam que os pais não sabiam, 03 do sexo feminino e 02 do sexo masculino que os pais sabiam e não gostavam, 04 do sexo feminino e 00 do sexo masculino os pais sabiam, mas não ligavam e declararam que 03 do sexo feminino e 04 do sexo masculino os pais sabiam e permitiam.

Conclui-se que entre os pais que sabiam do namoro e embora não gostavam, permitiam soma um total de 10 do sexo feminino e 06 do sexo masculino. Em relação aos pais que não sabiam foram um total de 05 do sexo feminino e 02 do sexo masculino. Portanto dos 21 adolescentes que já tiveram ou tem um relacionamento 16 namoraram ou namoram com os pais sabendo, independente da aprovação dos mesmos.

Finalizando o questionário sócio-demográfico, foi solicitado aos adolescentes que desse um valor de 00 a 10 para os seguintes temas: família, escola, trabalho e amigos. Na tabela abaixo foi destacado o numero de adolescentes que assinalaram cada um dos valores solicitados.

Tabela 1.1 - Número de adolescentes que assinaram cada valor

CATEGORIA	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
FAMÍLIA	00	00	01	01	00	01	03	03	01	02	19
ESCOLA	00	00	02	02	00	02	01	07	06	05	09
TRABALHO	06	01	01	00	02	03	02	01	03	02	08
AMIGOS	00	00	00	00	00	00	02	01	02	07	17

Com base nos números apresentados nesta tabela, conclue-se que todas as categorias são consideradas importantes para os adolescentes. Pois em sua maioria os valores mais considerados foram os a partir do numero 07. Vale destacar que na categoria trabalho, os adolescentes que marcaram o 00 (zero), o fizeram por não estarem no mercado de trabalho. Entendendo assim que não poderiam colocar um valor para o mesmo. Quanto aos adolescentes que colocaram valores como o de número 10 (dez), ao serem questionados justificaram que é através do trabalho que sua família tem se sustentado e por isso escolheram esta valor pela sua importancia.



Após aplicar o questionário e fazer análise conforme apresentado, a pesquisadora dedicou-se a análise das falas dos adolescentes, resultado de cada questionamento feito de acordo com o roteiro proposto para a entrevista individual.

As falas serão analisadas no quarto capítulo, seguindo a análise categorial, que estabelece quais são as constantes adjetivas em relação à família e liberdade, entendendo estas adjetivações como possíveis referenciais de representação social de família e liberdade, na medida em que aparecem como constante nas falas dos participantes.

Realizar esta pesquisa foi um desafio, tanto para a pesquisadora quanto para os adolescentes e professores, pois como foi realizada no período de aulas, as dificuldades com o tempo, o roteiro de trabalho programado pelos professores e o fato de ter que liberar os alunos no momento da aula, a decisão de não liberar seus alunos por parte de um dos professores, a hora do lanche ou da aula de Educação Física, que tem outra modalidade metodológica diferenciada dificultando a participação dos alunos neste período e a mudança de rotina de todos, inclusive da coordenação, exigiu muita persistência e adaptação por parte de todos para que os objetivos fossem alcançados, pois pesquisadora procurou respeitar estes momentos, ficando na escola esperando o momento mais propício para a entrevista com os adolescentes ou deixando para o outro dia.

## **6.2 Representação Social de Família**

As RS são socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuindo assim para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação entre determinado grupo. Ela se configura a partir do momento em que se torna parte da vida cotidiana dos indivíduos, no senso comum partilhado socialmente. Há uma uniformidade em relação a determinado comportamento ou conceito.

Durante a entrevista os adolescentes relataram suas percepções de família e liberdade de forma detalhada e de maneira livre, deixando a impressão de que o tema não é algo que cause constrangimento e nem é de difícil interpretação para eles. Em suas falas, alguns temas foram destaques como: a importância da família como instituição, como lugar de cuidado, como orientadora e também lugar de formação.

### **6.2.1 A Representação Social de Família como Instituição Importante na Vida do Adolescente**

A família ainda pode ser considerada uma das primeiras instituições socializadora da criança. É a instituição que exerce influência significativa durante todo processo de

desenvolvimento do indivíduo, sendo encarada, geralmente, como um grupo que apresenta organização complexa e que está inserido em um contexto social amplo, mantendo com este constante interação.

Como mencionado neste trabalho, o Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A.), em seu Capítulo III, Seção I, artigo 19, reforça este pensamento quando afirma que: "Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária..." (BRASIL, 2011, art. 19). Compreende-se neste texto que a família é dotada de toda a responsabilidade no cuidado, orientação e formação do adolescente, uma vez que este é considerado um ser em formação e, portanto necessitando de proteção que somente em família será suprida.

Esta compreensão aparece nas falas dos adolescentes entrevistados, uma vez que suas declarações ratificam a família como instituição imprescindível em sua vida.

“ah, minha família é muito importante”. (Participante 01).

“Tudo... sem a família não pode viver...”. (Participante 09).

“Minha família é muito legal. A gente faz tudo junto e minha mãe é muito boa pra mim e pra o meu irmão. Eu gosto muito da minha casa e da minha família ”. (Participante 14).

“Mesmo tendo uns arranca-rabo, mas minha família é tudo”. (Participante 11).

Nestas falas os adolescentes afirmam a importância da família. Para eles a família é digna de ser preservada e defendida, pois tem grande influência em suas vidas e é o lugar onde se sentem parte e participantes. Ela também é referência de proteção e afetividade para estes adolescentes.

Por outro lado, houve falas de dois adolescentes que refletem bem o conflito entre a importância da família e as experiências negativas nesta convivência. A primeira, ao ser indagado sobre o seu conceito de família ela iniciou com o seguinte pergunta: “Eu posso falar de família sem colocar meu pai?” (Participante 22). Procurando entender o porquê da negação deste pai, a pesquisadora pergunta se este pai não mora junto. A adolescente responde que moram em sua casa com ela, a mãe e uma irmã menor, mas que não considerava o pai, pois o mesmo lhe era indiferente, uma vez que quando tinha seus 05 anos, e era muito apegada a este pai, ele foi preso e desde então prefere ignorá-lo, mesmo morando na mesma casa.

“ Família pra mim é minha mãe e minha irmã. Meu pai mora em casa, mas não o considero da minha família. Nem falo com ele. Minha mãe é tudo pra mim. Minha mãe e minha Irma. Minha mãe faz tudo pela gente. Mas eu não falo com o meu há mais de anos e não considero ele como meu pai”. (Participante 22).

Este mesmo conflito é manifesto por um segundo adolescente quando afirma o seguinte:

“Família? - ah...é uma coisa complicada (risos) muito complicado...ahhh eu.... Não gosto muito assim de família...fala sério pra senhora...pra mim eu vou ficar solteiro pelo resto da minha vida. Não vou ter família não!” (Participante 16).

Nesta fala, o adolescente demonstra uma rejeição pela família constituída, percebe-se que houve uma generalização sobre o que é família para ele. Após um momento de reflexão, o participante decide rever seu posicionamento dizendo: “...bom...por um lado é bom, né? Eu acho bom ter família, mas por outro lado, não. Por brigas, coisas assim acho que não”. (Participante 16).

Percebe-se através destas falas, que embora haja um conflito por parte destes adolescentes quanto à importância da família, pois sua referência não é muito saudável, eles reconhecem que “existe o lado bom” de fazer parte de uma família.

Desta forma, conclui-se que entre estes adolescentes há um consenso no que diz respeito à família como instituição importante em suas vidas, mesmo que estas famílias não venham corresponder às suas expectativas, mas pelo fato de nelas sentirem a proteção e apoio. A recorrência nestas falas torna-se relevante e ratifica a compreensão de senso comum para estes adolescentes. Para que esta compreensão de senso comum de família como algo importante entre os adolescentes seja considerada uma RS ainda é necessário analisar a possível ancoragem e objetivação.

A análise das falas percebeu-se que os entrevistados reiteram a família como importante, lugar onde podem sentir-se seguros, lugar de sobrevivência. Eles associam a família como provedora da vida quando afirmam que “não poderiam viver sem ela”. Este “não poder viver sem família” é uma compreensão recorrente nos discursos da educação familiar, religiosa, escolar, etc., que termina como formação de opinião a partir de campanhas educativas oriundas de políticas públicas, por exemplo.

Até mesmo a legislação faz uma espécie de exaltação ao conceito jurídico de família, que ao galgar a opinião pública pode converter-se também em uma referência para ancorar a compreensão do fenômeno familiar. Este é o processo de ancoragem defendido por Moscovici

(2010), os entrevistados demonstram o estabelecimento dos elos entre as imagens expressas em suas falas e o mundo exterior a exemplo das imagens frequentemente divulgadas pela mídia, esta tem grande poder sob os interesses destes adolescentes, na disseminação dos conceitos que determinarão seus comportamentos familiares e grupais, bem como nas falas do cotidiano que associam a família como algo indispensável na vida do ser humano e, principalmente, para a formação da criança e do adolescente. Desta forma, aquilo que é novo e não familiar torna-se familiar pela compreensão da família como algo importante para os adolescentes.

Por outro lado, ocorre o processo de objetivação, quando o adolescente vive estas crenças e sai em defesa da Família, expressando verbalmente seu valor aos outros através de atos ou até mesmo tendo como meta construir uma própria família futuramente. Os participantes evidenciam compartilhar a compreensão de que a família é uma instituição importante para sua vida. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, e se configura em representação social de família para estes adolescentes.

#### 6.2.2 Representação Social de Família como Lugar de Orientação

Nas falas colocadas em análise abaixo, destaca-se a compreensão dos adolescentes de que a família também é lugar onde podem receber toda orientação necessária para seu desenvolvimento psicossocial.

“minha mãe me dá conselhos para não ficar com as amigas que ... você sabe, fica fazendo coisa errada”. (Participante 02).

“Eu não faço coisas... fazer tudo porque tudo não pode...eu penso em...assim...as coisas que eu não posso fazer eu não vou fazer...eu vou fazer o que eu quero, tipo sai com as amigas, essas coisas assim minha mãe deixa, não vou sair usando droga, essas coisas...não quero e minha mãe fala para eu não ter amigos assim... que usam sabe?” (Participante 13).

Os adolescentes reconhecem que têm dificuldades na escolha dos amigos e que os pais tem se preocupado acerca deste tema. E, pelas falas dos participantes, percebe-se compreensão no posicionamento dos pais; entendem que expressam cuidado especial, pois querem que eles tenham amigos que também que contribuem para o seu crescimento psicossocial e não os prejudiquem com comportamentos inadequados.

Outro ponto que se observa e que expressa o cuidado dos pais em orientar seus filhos é no que diz respeito ao futuro, tendo os estudos como principal meio de garantia para boa

colocação no mercado de trabalho e, conseqüentemente conseguirem seguir uma vida profissional com êxito.

“Eu não gosto muito de estudar. Meu pai quer que eu seja um advogado. Ele me manda estudar. Disse que a gente precisa estudar para ser alguém na vida”. (Participante 20).

“minha mãe fica mandando eu fazer as coisas em casa. Ela não gosta que eu saio. Diz que tenho que estudar, me dá conselhos. Mas as vezes não faço o que ela manda. Mas sei que ela está certa ”. (Participante 12).

Mesmo passando a maior parte do tempo no trabalho, os pais dos adolescentes participantes desta pesquisa se empenham em motivá-los quanto à responsabilidade em relação aos estudos. E isso se deve a uma postura de insistente acompanhamento dos movimentos dos mesmos, seja através de conversas, de aconselhamentos, ou através das tarefas solicitadas a eles.

Percebe-se que entre estes adolescentes há semelhança na forma de pensar no que diz respeito à família como lugar de orientação, de aconselhamento. A recorrência nestas falas torna-se relevante e ratifica esta compreensão de senso comum para estes adolescentes. Mas, para que esta compreensão de senso comum de família como lugar de orientação entre os adolescentes seja considerada uma RS, ainda é necessário analisar uma possível ancoragem e objetivação.

Segundo os adolescentes entrevistados, os pais estão constantemente orientando-os quanto às escolhas de suas amizades, motivando-os a estudar e a viver uma vida com muita responsabilidade. Os adolescentes entendem esta atitude dos pais como uma forma de demonstrar que se importam com seu futuro, pois os pais saem para o mercado de trabalho, em busca do sustento, permitindo aos adolescentes a responsabilidade dos estudos e pequenas tarefas. Esta maneira de ver a ação orientadora dos pais e responsáveis certamente se ancora e responde aos discursos sociais sobre os papéis da figura dos pais na relação com os filhos, papéis que estão legalmente estabelecidos na sociedade e aparecem recorrentemente na forma como o tema família é tratado pela mídia, pelas tradições culturais e pelo próprio Estado. Neste processo de ancoragem os participantes demonstram o estabelecimento dos elos entre as imagens expressas em suas falas e o mundo exterior, construindo respostas à orientação recebida dos pais, por exemplo, de que os estudos abrem as portas para um futuro promissor. Em contrapartida, os adolescentes dedicam tempo aos estudos, com o objetivo de preparar-se para o futuro. É neste processo de objetivação que os adolescentes tomam a decisão de assumir a responsabilidade como estudante, envolvendo-se com pessoas que o influenciarão

positivamente, assumindo postura e realizando ações que visem a um futuro profissional relevante. Os participantes evidenciam compartilhar a compreensão de que a família é lugar de orientação. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, se configura em representação social para os adolescentes que participaram desta pesquisa.

### 6.2.3 Representação Social de Família como Lugar de Cuidado

A família precisa ser o lugar em que o adolescente deva se sentir seguro e protegido pelos responsáveis. Como estipulado por lei (BRASIL, 2011), esta proteção e cuidado não é uma opção para os pais, mas sim um compromisso que assumem diante da sociedade.

Quando se pensa na palavra “cuidar” abre-se um leque de possibilidades, mas se entende principalmente o ato de se preocupar com o outro. Na fala do participante 03, é expresso este limite dado pelos pais como forma de cuidado e proteção. *“A família é o cuidado. O cuidado com ela... eu posso tá onde eu for...Ela cuida.”*(Participante 03). O adolescente declara abertamente que a família cuida.

Na fala seguinte, o adolescente, mesmo contrariado com a negativa da mãe, entende que ensinar a ser responsável, a ser obediente e impor limites também é uma forma de cuidado. Passando, assim, a considerar a atitude correta, pois se sente protegido e importante para sua família.

“A família protege a gente. Pelo menos em algumas partes. Às vezes você fica brava e briga. Não quer obedecer né? Mas é responsável fazendo o que os pais manda. É você ter sua responsabilidade também. Só ir quando sua mãe deixa. Mais ela sabe né?”. (Participante 10).

Da mesma forma, o participante abaixo, inicialmente critica o posicionamento da mãe cuidadora, ao colocar os limites, definindo os momentos em que deve sair de casa, mas, em seguida, declara que este posicionamento é importante, pois não tem idade para decidir sobre onde deve ir e expressa o cuidado que ela tem por ele.

“ah...família? É mais ou menos. Por exemplo, a minha mãe não me deixa sair pra uma festa, pra um ...pra alguma coisa assim...por...pelo que eu falei...porque ela acha que eu sou...eu não tenho idade....mas eu não acho ruim. Ela cuida”. (Participante 17).

Em alguns momentos estas ações dos pais são interpretadas como limitadoras e as falas dos pais transformam-se em ordens como: não podem ir, não podem ver TV, não devem andar com fulano. Ou seja, com estas palavras os pais passam a controlar ou limitar os

impulsos, os desejos e até algumas escolhas de seus filhos, determinando ou redefinindo seus objetivos, causando dificuldades nos relacionamentos e na interpretação das intenções dos pais para com eles. Os adolescentes entendem que esta é a tarefa dos pais e aceitam esta imposição como algo positivo.

“Minha mãe me proíbe de tudo. Não Pode isso, não pode aquilo...às vezes eu pego minha bicicleta e saio por aí. Ai fico pensando e acho que minha mãe está certa.”.(Participante 08).

Entende-se que a responsabilidade de cuidar torna-se desafiadora quando, segundo a realidade da maioria dos adolescentes participantes desta pesquisa, os pais precisam trabalhar para prover as necessidades de seus filhos. Diante desta realidade, os pais se sentem obrigados e controlar a situação fazendo uso, em muitos casos, da autoridade que lhes é conferida, mantendo os adolescentes no controle e dentro do espaço delimitado por eles. Cabendo aos adolescentes a responsabilidade de “cuidar-se”, seguindo as orientações deixadas pelos pais. Realidade, para alguns adolescentes, considerada tranquila; para outros nem tanto.

Conclui-se que para estes adolescentes há consenso no que diz respeito à família como lugar de cuidado. A recorrência nestas falas torna-se relevante e ratifica a compreensão de senso comum para estes adolescentes. Para assegurar que esta compreensão de senso comum de família como lugar de cuidado entre os adolescentes seja considerada uma RS, é necessário analisar a sua possível ancoragem e objetivação.

De acordo com as falas dos participantes nesta pesquisa, no que diz respeito família como lugar de cuidado, pode-se apontar, pelo menos, duas referências de ancoragem, são elas: a mídia e as tradições. A mídia, como meio de comunicação dinâmico, influencia e dita regras quanto ao comportamento na família, por exemplo, quando nas notícias sobre tragédias familiares cobra de forma severa a ausência de cuidado em relação às crianças jovens e adolescentes, bem como cobra do Estado responsabilizar os integrantes do núcleo familiar pelo descuido. As tradições, especialmente as religiosas, que ganharam a mídia como espaço difusor de suas compreensões, também exercem importante função neste processo de convencimento de que o núcleo familiar deve prover um espaço protetor, além promover segurança na caminhada em busca dos objetivos desejados.

Não obstante, a mídia também tem tido certo controle sob os interesses não só dos adolescentes, mas da sociedade em geral. Nos adolescentes, sua influência é muito mais assertiva quando desperta nestes a ideia de que devem participar de encontros como baladas, shoppings, bares e outros ambientes, além de ditar a moda, o que faz com que a mídia

desempenhe papel ambíguo em todo este processo.

A forma como são transmitidas as mensagens não dá aos adolescentes a capacidade de pensar criticamente as propostas, uma vez que podem ser ainda imaturos para tanto; e, seduzidos pelas mensagens apresentadas, tendem a realizá-las e entram em conflito com as cuidadosas orientações dos pais. É como a participante 17 menciona sobre o limite da mãe em relação ao seu programa preferido.

“Minha mãe não me deixa ficar vendo programa na televisão muito tarde. Ela disse que não é bom pra mim. Eu gosto de ver os rebeldes e malhação. Acho bem legal. Eu gosto muito das roupas e das maquiagens delas. Queria muito usar, mas minha mãe disse que sou muito nova para usar maquiagem. Estraga a pele”. (Participante 18).

Esta adolescente não consegue entender que estas novelas têm como objetivo ditar regras não só de comportamento, mas também na forma como os adolescentes deve vestir-se. E que podem ir contra as escolhas feitas pela mãe quanto à forma que deseja educá-la.

Esta fala comprova o resultado desta influência, a tal ponto que os adolescentes passam a desejar produtos oferecidos por determinados meios de comunicação e pretendem viver um estilo de vida que, às vezes, algumas famílias não possuem.

Em alguns casos, os pais têm posicionamento diferenciado. Eles passam a responder positivamente aos pedidos dos filhos, levando-os a busca de autonomia financeira, permitindo-os realizar trabalhos informais, que não prejudiquem os estudos. A pesquisa revelou que 18, dos 29 dos adolescentes entrevistados, possuem renda, seja através de pensão, de mesada ou trabalho informal, com o objetivo do consumo pessoal. Segundo a fala de alguns, trabalham para ajudar a mãe, mantendo suas próprias necessidades:

“Minha mãe não pode comprar as coisas que eu preciso, então eu cuido de criança para comprar o que eu quero como minhas roupas e tudo... tem que ser assim né? Ai eu também vou nas festas”. (Participante 05).

“Eu trabalho de manicure e ganho um salário. Ai eu compro tudo que eu quero sabe... Eu comprei um celular da hora”. (Participante 03).

Estas falas revelam que para os adolescentes é muito importante ter, não somente os objetos que a mídia promove, mas estar de acordo com as regras estipuladas por ela para ser aceito no grupo. Eles entendem que os pais tem dificuldades de suprir todas as sua necessidades, por isso não consideram um problema trabalhar para ter seu próprio dinheiro. Também falaram que conseguem conciliar os estudos com o trabalho porque fazem isso nos finais de semana ou nos intervalos do horário de aula. Outro ponto que foi revelado por eles,



é sobre as orientações, por parte dos pais quanto ao controle dos gastos do dinheiro recebido.

“Minha mãe fala que eu devo guardar meu dinheiro e comprar só o que eu preciso mesmo. Quando eu quero sair eu pego meu dinheiro e ela deixa. Também vou com minhas amigas no shopping e compramos o que dá. Só que fala a hora que eu tenho que voltar (risos)”. (Participante 19).

“Trabalho na casa da minha avó. Eu gosto de ter meu dinheiro. Assim eu compro as coisas”. (Participante 23).

É consenso para estes adolescentes que suprir suas necessidades de consumo, através da autonomia financeira e com uma estratégia positiva, também significa e expressa o cuidado da família para com ele. Desta forma o adolescente passa a vivenciar uma experiência de ser, pertencer e ter. Considerando a família como lugar de cuidado e responsável pela construção dessas possibilidades.

Para finalizar o tema família como lugar de cuidado, destaca-se mais um ponto de ancoragem relacionado pelos adolescentes entrevistados, que consideram como cuidado recebido pelos familiares, a vida espiritual.

A religião destacou-se de forma recorrente nas falas dos adolescentes entrevistados. É certo que, em alguns momentos os mesmos usam a ida à igreja para conseguir ter um pouco de liberdade, conforme expresso nesta fala: “*Eu falo para minha mãe que vou para a igreja (risos), mais vou encontrar minhas amigas (risos)*” (Participante 27). O que não significa que esta prerrogativa é usada todo o tempo, pois para os adolescentes e para a sua família, ir a igreja é algo relevante em suas vidas e esta prática faz parte do processo de cuidar, como se percebe falas:

“Eu gosto de ir na igreja. Mas só posso ir com minha família. A gente faz tudo juntos”. (Participante 28).

“A religião é...é bom ter uma. Deus ajuda a gente nas coisas. Tem que rezar”. (Participante 07).

“minha família vai na igreja. É muito importante.” (Participante 15).

“eu tenho meus amigos na igreja. Eu gosto de ir as vezes”. (Participante 24).

A religião como forma de cuidado é reconhecida pelo adolescente uma vez que a prática religiosa é acompanhada não somente de orientação, mas de uma ação como família. Pais e adolescentes vivem a experiência do relacionamento comunitário com outras pessoas e com a transcendência na qual professam uma fé.

Percebe-se que há entre estes adolescentes consenso no que diz respeito à família

como lugar de cuidado. A recorrência nestas falas torna-se relevante e ratifica a compreensão de senso comum para estes adolescentes. Mas, para que esta compreensão de senso comum de família como lugar de cuidado entre os adolescentes seja considerada uma RS ainda é necessário analisar a sua possível ancoragem e objetivação.

As falas dos entrevistados apontam para o consenso de que a família é lugar de cuidado quando os adolescentes conseguem entender as ações de seus pais ao controlar seus impulsos e desejos, impondo limites e, ao mesmo tempo, dando a liberdade para ir à busca do sustento, sem deixar de viver uma vida de compromisso religioso. Eles entendem esta atitude dos pais como forma de demonstrar cuidado. Ocorre o processo de objetivação quando o adolescente concretiza sua tarefa e recebe os valores que lhe proporciona consumir produtos de necessidades consideradas importantes para sua vida, acompanhar a família na vida social, bem como colocar em prática sua vida religiosa de forma voluntária. Os participantes evidenciam compartilhar a compreensão de que a família é um lugar de cuidado. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, se configura em representação social para os adolescentes participantes de pesquisa.

#### 6.2.4 Representação Social de Família como Lugar de Formação

Todos os pontos analisados até este momento refletem neste último, quando a família é percebida pelos adolescentes como lugar de formação. Conforme destacado neste trabalho, o adolescente é um ser em desenvolvimento não somente físico, mas também psicossocial. E, é na família, em suas multifacetadas formas de constituição, que se inicia este processo.

A formação do adolescente está muito ligada à família, e dela depende seu relacionamento psicossocial de forma consciente e equilibrado. Por isso o relacionamento estabelecido entre os pais e os adolescentes é de grande valor. Os pais, em contato com os filhos poderão, através das orientações, promoverem a formação emocional, psicológica e social dos mesmos. Na fala transcrita a seguir, o adolescente ratifica a família como lugar importante para sua formação, quando exalta o apoio recebido pelos participantes da mesma.

“ Falar da minha família é caçar briga. Minha família é muito boa e ninguém mexe com ele. Meus pais me ensina as coisa que eu preciso aprender”. (Participante 25).  
(Participante 08).

É necessário que os pais tenham claro conhecimento das características dos adolescentes para sucesso no seu papel de formadores dos mesmos, isso promoverá um

relacionamento harmonioso entre ambos e o processo de formação menos comprometido por possíveis conflitos.

Na fala do Participante 05 quando questionada sobre o que significa a adolescência para ela. Sua resposta teve como foco o fato de que nesta fase há uma transformação em todos os níveis da vida, e sua queixa é quanto à compreensão dos pais em relação a esta mudança.

“Ser adolescentes é um pouco complicado, pois a gente cresce e tudo fica diferente. Parece que meus pais não entendem”. (Participante 21).

Na fala seguinte o participante refere-se a instabilidade que há neste período de formação e o quanto a compreensão e o apoio da família ajudam em sua formação emocional.

“a minha visão, eu acho assim: que a adolescência é muito complicada...você nunca tá...nunca ta estável. Sempre é....com o humor...variável...variado, sabe? Acho que é uma fase boa, como diz...é a melhor fase da vida, né? Mas eu acho também que é uma fase complicada...de entender. Mas aí a minha mãe conversa comigo e me ajuda... ela fala que eu estou crescendo (risos) e que vai passar”. (Participante 26).

Para o participante seguinte, há a compreensão de que a infância passa, e a adolescência é certa. E na fala, a família também tem papel importante nesta passagem da infância para a adolescência, quando deve haver aprendizagem para chegar à vida adulta.

“ Falar da minha família é caçar briga. Minha família é muito boa e ninguém mexe com ele. Meus pais me ensina as coisa que eu preciso aprender. Se alguém fala da minha família eu não aceito...eu não admito...por causa que a família pra mim é tudo, sabe? E se não fosse por ela também... é importante pra minha formação...tenho o apoio da minha mãe, dos meus irmãos... valorizo a família”. (Participante 14).

“Minha família me ajuda a aprender as coisas. É que eu to crescendo né? Aprendendo mais....que eu vou aprendendo na vida e...que ... é legal....por um lado...pelo outro não, né? O ruim é que eu tenho...é...tenho que muda...às vezes e ... tem que deixar de ser criança...né? Também...e...o mal é que deixar de ser criança,né? E aprende a ser adulta, mais um pouco....né? É assumi os compromissos, estuda mais...não que seja chato, mas é que... é...mais responsabilidade...mais sabedoria...”. (Participante 05).

É importante destacar que o participante reconhece a família e seu potencial formativo e, também, o aspecto conflitivo em relação às perdas e os ganhos desse crescimento e amadurecimento humano para maior autonomia, mas também para maiores exigências e responsabilidades.

Nestas falas, percebe-se que há entendimento entre os participantes da pesquisa no que diz respeito ao tema, reafirmando que a família é importante para sua formação e afirmação

peçoal, ajudando-os a entender as mudanças das fases da vida, bem como suas implicações psicossociais. A recorrência nas falas, em que afirmam que a família é importante e influencia sua formação, torna-se relevante e permite concluir aqui que esta compreensão de senso comum entre estes adolescentes. Mas, para esta compreensão de senso comum de família como lugar de formação entre os adolescentes seja considerada uma RS, é necessário analisar sua possível ancoragem e objetivação.

De acordo com as falas dos entrevistados a família é lugar de formação. Também é perceptível o entendimento por parte dos adolescentes que a fase de criança passou e precisam assumir nova postura diante da sociedade. Com esta percepção, passam a considerar a família como suporte para este momento de formação e desenvolvimento psicossocial.

Esta ideia de que família oferece um importante suporte formativo na vida dos adolescentes faz parte dos discursos midiáticos, das tradições, da cultura e do Estado, quando se referem ao espaço familiar como espaço de desenvolvimento e crescimento humano, atribuindo ao núcleo familiar papel formativo das novas gerações de homens e mulheres. Este é o processo de ancoragem. Por outro lado ocorre o processo de objetivação, quando o adolescente toma a decisão de assumir sua nova fase, deixando a infância e vivendo os desafios de adolecer com suas responsabilidades e exigências. Aprendendo a depender mais dele mesmo do que dos próprios pais. Assumir a autonomia nas possibilidades de decisão e a responsabilidade pelas ações são posturas que passam a caracterizar a vida destes adolescentes na medida em que respondem cotidianamente os apelos formativos da família.

Os participantes evidenciam compartilhar compreensão de que família é lugar e orientação. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, se configura em representação social de família para os adolescentes que participaram da pesquisa.

### **6.3 Representações Sociais de Liberdade**

A liberdade é anseio natural na vida da pessoa. Segundo Bauman (1989, p 21), “a liberdade nasceu como um privilégio e assim se tem mantido desde então”. Viver a liberdade é privilégio, mas também traz grande responsabilidade, uma vez que a mesma vem acompanhada de limites.

Este contraste é que torna a liberdade confusa para o adolescente, ele a compreende como oportunidade de se estabelecer no mundo, já sente que deve planejar a sua vida, controlar as mudanças que vem acontecendo, adaptar-se ao mundo externo se lançando nele e fazendo descobertas, viver as próprias escolhas. Daí associar liberdade com os limites, que

são constantemente presentes em sua vida, torna-se um desafio a ser enfrentado.

A necessidade de liberdade e de interação social é tão latente na adolescência quanto em qualquer outro período da vida do ser humano. O diferencial é que o adolescente não se encontra totalmente preparado para lidar com a liberdade de forma madura, pois ainda está necessitando de orientação e cuidado dos pais. Precisam de suporte dos adultos. E os pais dos adolescentes entrevistados têm cumprido papel, conforme exemplificado nesta fala.

“É difícil, porque a gente quer fazer as coisas, os pais não deixam...pra sair tem que ter autorização....tem que ter hora pra voltar e às vezes os pais não deixam, você quer ir na casa de um amigo tomar um tereré, às vezes a mãe não deixa...por causa que tá muito longe, ou tá tarde...é difícil...”. (Participante 28).

Para os adolescentes entrevistados, liberdade está associada à autonomia de movimento e de relacionamento, a maioria, referiu-se a liberdade como oportunidade de ir ao encontro dos amigos. Pois sentem necessidade de estar com os amigos, poderem conversar fazer as coisas que gostam e até namorar. Este desejo de liberdade está associado às necessidades próprias da adolescência, onde para eles, seria o momento em que podem buscar novas oportunidades de expressão de suas ideias, descobertas e ampliação da sua identidade ao envolver-se com o outro.

### 6.3.1 Representação Social de Liberdade como Autonomia de Movimento

Ter e fazer amigos é imprescindível na fase da adolescência. Inclusive este é fator representativo na busca da independência e liberdade para eles. Os pais não bastam, pois nesta fase, o adolescente já ampliou seus laços afetivos, retirando dos pais a exclusividade que tinha na infância. Agora ele procura o relacionamento fora do convívio do lar, sentem necessidade de ampliar seu grupo de amizades ou trocar a turma da infância para uma nova. E para fazer amizades, o adolescente precisa ir ao encontro, ou seja, precisa sentir-se pronto e livre para “sair”, como expressam.

Com este ação, o adolescente fica propício a ir ao encontro de amizades inapropriadas, pois são influenciáveis, e, normalmente, considerados como grupo de risco, principalmente no que diz respeito ao uso de substâncias psicoativas e as delinquências por viverem um momento de formação psicossocial. O que causam preocupação para os pais e por isso passam a limitar as saídas dos adolescentes, causando dificuldades nas relações e na comunicação.

Esta é uma realidade, mas também existem aqueles adolescentes que têm entendimento maior de suas responsabilidades e compreendem que devem avaliar bem suas

escolhas, além de aceitarem as orientações dos pais, como relata a participante abaixo.

“Liberdade, por exemplo: sair e tal? Eu acho que...hoje em dia os adolescentes estão muito imaturos, então os pais tem que cuidar realmente,né? É...não dar tanta liberdade pra os filhos...porque às vezes acaba entrando num caminho errado...começa a fazer as coisas não...não...que a sociedade não julga certo...e...os pais tem que...como vamos dizer, cuidar”. (Participante 17).

É...orientar...tem que segurar mais os filhos, por que...hoje em dia...os pais faltam, os filhos sentem, e acabam acho que, se perdendo”. (Participante 12).

Os adolescentes entrevistados, demonstraram o anseio de conviver com os amigos seja para conversar, tomar Tereré (*bebida feita com a infusão da erva-mate, de origem guaraní. É consumida com água, limão, hortelã, entre outros.*) ou mesmo, como eles denominam, “sair”. Mas encontram nos pais a barreira para a concretização deste desejo em vários momentos, como se percebe nas falas abaixo.

“Por que...tem as mães que às vezes ...tem umas mães que soltam pra liberdade outras que não...a minha mãe não solta... ela controla”. (Participante 05).

“Pra mim liberdade é por exemplo poder fazer o que eu quero ...na hora que eu quero, né? Pode sair...da forma e na hora que eu quero do jeito que eu quero...mas eu não tenho essa liberdade não... não”. (Participante 08).

Durante a entrevista, a pesquisadora percebeu que estes adolescentes repetiam a mesma fala. Todos consideravam que o fato de os pais proibi-los de sair era algo ruim e os deixava apreensivos e entristecidos. Houve aqueles que afirmaram que obedeceram a ordem de seus pais, mas que se sentiram presos. Nestas falas, há uma clara percepção da contradição entre o cuidar e o desejo de liberdade. O que representa uma realidade

“Eu peço para sair com minhas amigas, mas minha mãe sempre fala que não. Ai eu vou para meu quarto e fico lá. Eu não gosto?” (Participante 14).

“Eu já fiz todo o serviço que ela mandou ai quando quero sair ela me manda estudar. Eu gosto de sair com minhas colegas. Minha mãe acha que eu vou fazer coisas. Ficar só em casa é ruim”. (Participante 19).

Com base nestas falas, percebe-se que o desejo de ir e vir dos adolescentes entrevistados se manifesta repetidamente. A recorrência nestas falas torna-se relevante e permite concluir que esta compreensão de liberdade como autonomia de movimento é senso comum entre eles. Para que esta compreensão de senso comum de liberdade como autonomia de movimento entre os adolescentes seja considerada uma RS ainda é necessário analisar a sua possível ancoragem e objetivação.

Para os adolescentes entrevistados nesta pesquisa, o conceito de liberdade destacam-se as que manifestam uma compreensão de sentido comum sobre a liberdade como autonomia de movimento.

A compreensão da liberdade como autonomia de movimento provavelmente se ancora em um conjunto de representações veiculadas na mídia, principalmente na forma de imagens e cenários que exaltam o movimento como possibilidade ilimitada para o ser humano, apresentando o mundo como uma pequena aldeia global por onde todos podem se mover. Além disso, é necessário recordar que o direito universal de ir e vir está consagrado como preceito institucional em todos os Estados modernos e, certamente, este cause jurídico desborda o direito e circula livremente na compreensão de liberdade, autonomia e movimento, que a sociedade sustenta para os indivíduos que nela vivem. Este é o processo de ancoragem defendido por Moscovici (2010) em que as imagens constantemente observadas nos meios de comunicação e nas falas vivenciadas no cotidiano tomam forma.

É perceptível o entendimento por parte dos adolescentes que o controle dos pais é importante para ajudá-los nas escolhas. Por isso estes adolescentes, ainda que contrariados, e sentindo-se tolhidos em sua liberdade, submetem-se a este controle e passam a considerá-lo forma de proteção contra possíveis acontecimentos que conseguem perceber e que os atingem. Ocorrendo assim o processo de objetivação, pois quando aceitam este controle, conseguem percebê-lo como algo positivo. Os participantes evidenciam compartilhar a compreensão de liberdade como autonomia de movimento. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, se configura em representação social para os adolescentes que participaram da pesquisa.

### 6.3.2 Representação Social de Liberdade como Autonomia para se Relacionar

As amizades são importantes e determinantes na construção da identidade e definição das ideias e valores durante a adolescência. O sentimento de pertença a um grupo o ajuda na sua autoestima e na imagem que tem de si próprio. Enfim, viver em grupo e ter laços de amizades ajuda o adolescente sentir-se menos diferente, pois estará no meio de outros adolescentes que compartilham dos mesmos conflitos e sentimentos. É com os amigos que o adolescente consegue expressar-se sem medo de ser ridicularizado ou criticado. A autonomia, neste quesito, é muito almejada por eles.

Como destacado, o termo autonomia é entendido como a capacidade ou direito do indivíduo escolher e administrar a própria vida e efetuar escolhas de forma racional. Ou seja,

assume todos os ônus e bônus de suas escolhas sem que alguém responda por ele. Sabe-se que com os adolescentes isso não se aplica, conforme a lei citada neste trabalho (E.C.A.), os pais têm responsabilidade de cuidar e promover todo o cuidado necessário para que o adolescente tenha toda proteção dentro e fora de casa. Os adolescentes, em geral, são pessoas que precisam de cuidados especiais, estão em formação, são dependentes dos pais emocionais, psicologicamente e também financeiramente.

É próprio da adolescência, as escolhas e, principalmente, no que se refere às amizades, em sua maioria não há critério, geralmente são feitas pelo impulso ou pelo fato de viverem momentos e sentimentos iguais, nesta fase vale mais o exterior e a empatia entre o indivíduo ou o grupo. É neste contexto que os pais devem ajudar seus filhos na escolha e permanência das amizades, mas procurando também respeitar estas escolhas.

Na fala desta participante, percebe-se o quanto estar com os amigos é importante nesta fase. O diferencial é que esta adolescente tem clara definição quanto ao limite de liberdade. Ela entende que deve procurar seguir as orientações recebidas.

“Eu quero sair, mas tem que ter cabeça. Tem que ter liberdade até um certo ponto. Não aprontar. Sei o que tem que fazer. Gosto de sair, mas dependendo da ocasião, se minha mãe não vai precisar de mim. Vou para o shopping com minhas amigas, vou na praça, vou na igreja com minha família, vou no cinema com minhas amigas também. Eu gosto muito de sair, conversar, passear, ficar com meus amigos e amigas?” (Participante 20).

Assim como a participante anterior, este participante também expressa o valor da convivência com os amigos e amigas. Para ambos, este convívio é uma forma de se sentirem livres e escolherem aonde ir e com quem estar, pelo menos no tempo em que os pais os liberam. Mesmo que os pais fiquem no controle de seus movimentos.

“Meus pais controlam. Quando eu quero sair com meus amigos eu peço para um e se um diz que não pode nem adianta pedir para o outro. Mas eles sempre me deixam sair e ficam controlando. Eu gosto muito de conversar com meus amigos sabe? Me sinto bem quando a gente sai por ai bem livre(risos)”. (Participante 13).

“Liberdade pra mim é poder ficar com quem eu quero. Assim... a gente escolhe amigos. Às vezes meus pais não gosta, achando que não são bons pra mim. Eles tem que cuidar né? As vezes não conhecemos direito. Mas eu fico mais com minha melhor amiga. Ela minha mãe deixa.” (Participante 10).

A participante 13 expressa a importância da amizade como meio de sentir-se livre para se relacionar.



“Eu gosto muito, mas muito mesmo e sair com meus amigos. Mas lá em casa é um problema. Às vezes ela deixa e eu vou no shopping, vou andar por ai, mas tem vez que eu só posso ficar no portão com eles. Ai meus amigos vem em casa, a gente toma tereré e conversa, brinca, estas coisas. Eu queria ter mais liberdade para sair na hora que eu quisesse”. (Participante 09).

Por outro lado, houve alguns adolescentes que expressaram desconforto no fato de os pais interferirem de maneira invasiva nesta escolha. Deixaram claro que há um controle por parte dos pais quanto a escolha nas amizades que, muitas vezes, torna-se imposição desnecessária. A participante 10 ratifica esta queixa quando menciona a melhor amiga. Ao ser questionada sobre a origem desta amizade a resposta foi: “*esta minha amiga é filha dos amigos dos meus pais*”. Por ser filha de amigos, a amizade entre elas é menos supervisionada pelos pais. Nas falas seguintes, é recorrente a queixa quanto à interferência dos pais nas escolhas de suas amizades.

“Liberdade para escolher os amigos que eu não tenho. Meus amigos são mais daqui da escola. É aqui que a gente faz algumas coisa e minha mãe não pode implicar (risos). Às vezes ela se faz de minha amiga só para saber com quem estou andando o que estou conversando... Eu não gosto disso..mas ela fica preocupada e eu conto”. (Participante 15).

“Ter amigos na adolescência é muito complicado. O pai tem ciúmes e cuida muito. Acha que só vou namorar. E minha mãe pega no pé e fica marcando. Se saio quer saber com quem tive e o que conversei. Não tenho liberdade para ficar com meus amigos. Mas eu tenho muitos amigos verdadeiros”. (Participante 07).

Conclui-se que esta atitude não os impede de continuar envolvendo-se com os outros adolescentes e cultivando amizades que, segundo um deles, é verdadeiro. Outro motivo para os adolescentes desejarem a liberdade é para viver um relacionamento afetivo. Segundo as falas dos participantes, os pais também interferem.

“Na adolescência você podia estar livre para sair... aprende a namorar você aprende a dá (risos), essas coisas, né? É isso, pra mim é isso. Mas minha mãe fica...ela não deixa.” (Participante 09).

“Pra mim liberdade na adolescência é sair com as amigas pra balada. Pega os gatinhos (risos). E dar uns role por ai. Se diverti. Não ter hora pra chegar”. (Participante 17).

Nestas falas, os participantes expressam o desejo de ter liberdade para se relacionar afetivamente, não por estarem envolvidos emocionalmente, mas para, segundo eles, viverem a liberdade. Nela também a participante expressa à questão da sexualidade, que fica evidente ser algo que causa temor nos pais. Pois como esta fase da adolescência, a sexualidade é algo que preocupa, até mesmo por estarem em desenvolvimento e não terem a capacidade de

assumir tamanha responsabilidade, os pais procuram limitar o espaço do adolescente de forma a ter controle quanto à possibilidade de envolverem sexualmente com os namorados ou fiantes. Desta forma, as adolescentes, ao serem proibidas de saírem usam a imaginação de como seria se tivessem esta autorização.

“Liberdade na adolescência é sabe..sair...arrumar uma galera, curti, mas tem uns pais aqueles pais chatos chegam no meio... mas aí ta bom.....”. (Participante 03).

“Conversar com meus amigos minha mãe deixa...ela deixa eu ter celular, mexer no computador, pra mim isso que é liberdade...né? Poder sair com a roupa que eu quero, né? Isso ela não deixa. Eu gosto gosto de short curto, vou confessar pra você. (Participante 05).

Para estes participantes, a busca pela liberdade de relacionamento está em conviver com os amigos e com possíveis namorados (as). Com base nestas falas, percebe-se que o desejo de autonomia para relacionar-se, nos adolescentes entrevistados se manifesta repetidamente. A recorrência nestas falas torna-se relevante e permite concluir aqui que esta compreensão de Liberdade como autonomia para relacionar-se é de senso comum entre os mesmos. Esta compreensão de senso comum se ancora na forma como a mídia apresenta o tema das relações entre os seres humanas, imagens e cenas que exaltam o encontro como momentos agradáveis de desfrute e de gozo. A própria sociedade cria espaços sociais, comerciais, etc., para que estes encontros aconteçam, há uma aposta e investimentos nos momentos de socialização.

A expressão “ficar”, que marca a vida afetiva da adolescência nos tempos modernos, também aponta para este movimento de ir ao encontro para passar um tempo juntos. As tradições familiares e religiosas, bem como as associações culturais presentes na vida de muitas comunidades humanas, também participam da construção desta compreensão de que a vida humana necessita ser autônoma para deseja e para construir relações. Os entrevistados entendem, e percebem nas informações recebidas através da mídia e também dos contatos vividos, ocorrendo assim o processo de objetivação, quando, após a permissão dos pais, conseguem relacionar-se com pessoas de sua idade, mesmo que tenha que continuar sob a supervisão dos mesmos. Os participantes evidenciam compartilhar a compreensão de liberdade como autonomia para relacionar-se. Essa compreensão de senso comum, ancorada e objetivada, se configura em representação social para os participantes da pesquisa.



Este estudo, realizado em uma escola estadual no município de Dourados-MS, identificou as representações sociais de família e liberdade em adolescentes de 12 a 17 anos completos. A análise do conjunto das falas permitiu ver e fazer ver que há uma compreensão de sentido comum de família e liberdade entre os participantes da pesquisa e mostrar como tais compreensões, por ancoragem e objetivação, operam como representação social na vida cotidiana desses adolescentes.

A estratégia de análise consistiu em focar a atenção sobre as falas que se repetiram nas diferentes entrevistas, atribuindo à família e a liberdade um mesmo conteúdo significativo. Esta semelhança de significados nas distintas falas permitiu aproximá-las e vinculá-las de forma a caracterizar a compreensão de sentido comum que atravessa as construções na linguagem sobre as experiências que estes adolescentes têm de família e liberdade. E este sentido comum, uma vez indicada sua ancoragem e objetivação, se constitui em representação social.

Os relatos nas falas foram tratados a partir dos Referenciais Qualitativos e da análise das Representações Sociais. A análise das falas permitiu identificar as Representações Sociais de Família e Liberdade subdivididas em: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE FAMÍLIA: como instituição importante na vida do adolescente; como lugar de cuidado; como lugar de orientação e como lugar de formação; e as REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LIBERDADE: como autonomia de movimento e como autonomia para se relacionar.

RS de Família como instituição importante na vida do adolescente é associada ao fato de que esta representa lugar de segurança, portanto imprescindível em sua vida e formação. Para eles a família deve ser preservada e defendida a todo custo, pois ela sempre o defenderá e agirá em seu favor mesmo em meio às desavenças ou conflitos. Ainda que alguns tenham opinião um pouco mais severa sobre a família, percebe-se que há o reconhecimento de que a família é essencial para eles e até motivo de sua subsistência. A análise das falas revelou que para estes adolescentes, a família está ligada de forma forte ao local de moradia, ao lar. Lugar que, para eles, é um porto seguro e para onde sempre querem voltar.

Outro ponto importante é o desejo expresso por parte dos adolescentes de, no futuro, construir a própria família e dedicar-se a ela da mesma forma que se dedicam a família nuclear. Eles conseguem entender que sem família não há como viver. Portanto, família é instituição importante na vida dos adolescentes participantes desta pesquisa.

Para os adolescentes entrevistados, a RS de Família como lugar de cuidado está relacionada às atitudes dos pais em agir sempre com o objetivo de protegê-los e ensiná-los a enfrentar a vida com sabedoria. Para a compreensão sobre o cuidado, na visão do adolescente,

a pesquisadora analisou e comparou as falas correspondentes e concluiu, entre outras coisas, que para estes adolescentes cuidar significa proteger e ser protegido, ser responsável consigo mesmo e com os de casa, obedecer aos pais, mesmo quando eles dizem não para suas solicitações, compreender o posicionamento dos pais e cooperar com a família nas atividades do lar. Em suas falas os participantes também destacam este cuidado quando os pais exigem deles a obediência devida e quando impõem limites.

Outra forma de cuidado, expressa pelos adolescentes está relacionada com a atitude dos pais em ensiná-los a buscar autonomia financeira e religiosa. Em relação à autonomia financeira, alguns pais permitem que os adolescentes realizem pequenas tarefas e recebam pelas mesmas, para investir em produtos que desejam ter e que os pais não têm disponibilidade financeira para suprir. Tudo sem prejudicar os estudos e suas responsabilidades pessoais como adolescentes. Com esta atitude, os pais dão aos adolescentes a oportunidade de aprender a administrar recursos com mais responsabilidade e, também, a se sentirem realizados.

Quanto à vida religiosa, mostraram-se conscientes de sua importância. Os adolescentes são ensinados pelos pais a viver um relacionamento com a divindade, e o templo proporciona a eles a oportunidade de relacionar-se com outros adolescentes de forma saudável e produtiva. Portanto, Família como lugar de cuidado para estes adolescentes perpassa por ações realizadas pelos pais que contribuem tanto para o seu desenvolvimento pessoal, social, religioso e psicossocial.

Registrou-se a RS de Família como lugar de orientação quando os participantes declararam que recebem orientações dos pais em todas as áreas de sua vida. Embora esta orientação venha acompanhada, às vezes, de proibição de algo que desejam fazer em vários momentos. Mas, segundo os participantes da pesquisa os pais, e de maneira acentuada as mães (uma vez que o grupo maior de participantes são meninas), têm a prática de aconselhar e orientá-las constantemente em torno do comportamento, das amizades, dos compromissos com a escola e com as tarefas de casa. O tema mais conversado é a respeito das amizades. Ao final das entrevistas, os adolescentes reafirmavam que seus pais sabiam o que era melhor para eles. Portanto, eles não fariam nada errado porque conhecem as consequências de suas ações.

É certo que os pais enfrentam desafios para ter sucesso no processo de cuidar de seus filhos, orientando-os e supervisionando os resultados destas orientações, pois, em sua maioria, precisam trabalhar e não dispõem de muitas horas com os adolescentes em casa. Por isso precisam confiar que estes adolescentes estarão cumprindo o que foi orientado.

Por último, a Família como lugar de formação emerge das falas dos participantes da

pesquisa. O adolescente depende da família para sua formação e os pais são a referência primária, e como tal precisam cumprir seu papel para que estes consigam desenvolver-se emocionalmente, psicologicamente e socialmente.

Para os participantes, seus pais têm proporcionado boa formação psicossocial. Percebe-se esta afirmativa em suas falas, quando declaram que, da família, recebem o apoio, formação; são preparados para a vida adulta através das responsabilidades que recebem e da cobrança em assumirem compromissos em casa, na escola e consigo, despertando para as próximas fases da vida com seus desafios e exigências.

Quanto a RS de liberdade como autonomia de movimento, para os adolescentes pesquisados está associada a sentir-se livre para “sair”. Poder ir ao encontro dos amigos, pois consideram a amizade determinante na construção da sua identidade e na definição de ideias e valores. Portanto, desejam fazer isso sem serem impedidos pelos pais, o que não acontece.

Mas diante da atitude dos pais, em todas as falas, os adolescentes consideraram pertinente para o momento em que vivem e pela condição de estarem em formação, dependentes das orientações dos pais. E o que precisam sempre é negociar e, principalmente, obedecer para continuar tendo o benefício de ir e vir com a permissão dos pais.

Por último, a RS de Liberdade como autonomia para se relacionar, é entendida pelos adolescentes conviver com os amigos e com possíveis namorados. Os participantes destacaram que estar com os amigos é muito bom, mas encontram dificuldades quando os pais decidem interferir nesta escolha, impondo quais devem ser seus amigos. Não gostam, mas aceitam e compreendem que esta presença e interferência nos relacionamentos, nas escolhas dos amigos é importante.

A RS de família e liberdade fica evidente nas falas dos adolescentes entrevistados nesta pesquisa. Partindo da experiência individual, construída durante seu desenvolvimento e vivências que envolvem o social e o cultural, o que termina por igualá-lo ao grupo que vive as mesmas experiências, à medida que tais experiências pertencem também ao campo comum da objetividade social, dando sentido ao subjetivo. Os participantes desta pesquisa compreendem as experiências vividas na relação familiar e a tornam parte de sua construção como pessoa. Este pensamento corrobora com o pensamento que a sociedade tem sobre a influência da família na formação do adolescente.

Para tanto, os pais procuram empenhar-se em ajudar seus filhos quando dedicam tempo em favor do bem estar dos adolescentes participantes nesta pesquisa. Trabalham e vivem suas vidas, sempre focados em suprir as necessidades materiais, emocionais e físicas dos mesmos. Incentiva-os a estarem na escola, entendendo que este é caminho importante

para a sua formação e liberdade, preocupam-se com as amígdalas e os orientam na busca da melhor escolha e compreendem o momento de transição que o adolescente vive. Todas estas ações permitem aos adolescentes a compreensão de que a família e liberdade são essenciais na vida.

Emerge, diante dos resultados, a compreensão madura destes adolescentes a respeito do papel da família para sua formação e construção de um futuro com mais oportunidades e o sentido de liberdade, tão latente nesta fase, mas que para estes adolescentes precisa ser canalizados na direção apropriada.

Percebe-se que a família e a escola têm caminhado juntas na formação destes adolescentes e têm implantado conceitos e valores em suas vidas, tornando-os indivíduos conscientes de seus impulsos, desejos e sonhos, próprios da idade.

As descobertas nesta pesquisa abrem nova discussão e investigação para a Psicologia no que diz respeito aos desafios enfrentados pelos pais de adolescentes quanto aos resultados dos limites impostos por eles. Outro ponto é a escola trabalhar com o tema liberdade, discutindo-o com base na interpretação feita pelos adolescentes. Mas não mais de forma individual, e sim coletiva para se comparar com a pesquisa.

Quanto aos resultados desta pesquisa pretende-se apresentá-los a escola, pais e adolescentes em encontros informativo/formativos, previamente agendados, nos quais serão estimuladas discussões reflexivas, para que os participantes se apropriem dos resultados e possam conhecer as representações sociais cotidianas associadas à família e liberdade pelos adolescentes participantes.





- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal**. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1981.
- ALEXANDER, Marcos. **Representação Social: uma genealogia do conceito**. Disponível em <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>, acesso em 26/09/2014
- BAUMAN, Zygmunt. **A liberdade**. Edit. Estampa, Lisboa, 1989.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, 1977.
- BERGER, L. Peter. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- BERENSTAIN, Isidoro. **Família e doença mental**. São Paulo, editora Escuta, 1988.
- BRASIL, **Estatuto da Criança e do adolescente**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20 de setembro de 2011.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª Ed. São Paulo: Ediora Saraiva, 2002.
- BROZEK, Josef. **Historiografia da psicologia moderna versão brasileira**. Ed. Loyola, SP 1998.
- CABRAL, Álvaro. **Dicionário técnico de psicologia**. São Paulo, 2007.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. 11ª edição, Editora Vozes, Petrópolis, 1987.
- CHALMERS, A.F. **O que é ciências afinal?**. Ed. Brasiliense, 1993.
- CAREGNATO, Rita Catarina Aquino. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de Conteúdo**, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 01/09/2012.
- CASTELLAM, Yvonne. **Introdução à psicologia social**. São Paulo. Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987.
- CIAMPA Antonio da. e CODO, V. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo, Editora Brasiliense, 2001.
- CONGER, John. **Adolescência: geração sob pressão**. Editora Harper & Row do Brasil LTDA. S.P. 1979.
- CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **Adolescência e liberdade**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universidade Ltda, 1980.
- CHIZZOTTI, Antonio, **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3ª Ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DANELON, M. O conceito sartreano de liberdade: implicações éticas. Rev. Urutágua – Revista acadêmica multidisciplinar. Maringá, PR, INSS 1519.6178, n° 04, maio 2002. Disponível em: [http://www.urutagua.uem.br//04fil\\_danelon.htm](http://www.urutagua.uem.br//04fil_danelon.htm) Acesso em 29 de setembro de 2014.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

DESCHAMPS, Jean-Claude. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

ERIKSON, Erik H. **Identidade Juventude e crise**. 2.ed, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. 5 ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNICEF, 2002.

FERREIRA, Berta Weil; RIES, Bruno Edgar (orgs). **Psicologia e Educação: desenvolvimento humano adolescência e vida adulta**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003

FIGUEIREDO, Luis Claudio M. **Psicologia: Uma (nova) introdução**. São Paulo: Educ, 2010.

FIOCRUZ, Otávio Cruz. 2002 **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br>>. Acesso em: 17/08/2012.

FILHO, Kleber Prado. **A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s)**. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300003) acesso em 04/05/2013.

FRITZEN, Silvino José. **Relações humanas interpessoais**. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

GILDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIKOVALE, Flávio, **A liberdade possível**. São Paulo: MG Editora Associados, 2000.

GOMES, Maria Elasir 1999. **A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos**. Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais - Educativa. Disponível em: <<http://www.educativa.org.br>>. Acesso em: 20/08/2012.

GRESSLER, Lore Alice, **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GRUBITS, Sonia. Identidade, identificação: construção do ser social e da cidadania. **Revista de Psicologia: Vetor Editora**, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho, **Temas atuais em psicologia social**. Universidade Federal Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil

GUARESCHI, PEDRINHO (org), *Psicologia do Cotidiano – Representações Sociais em Ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HEIDBREder, Edna. **Psicologia do século XX** 5 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981

JESUINO, Jorge Correia. *Teoria das representações sociais 50 anos*. Brasília, 2011

TRINDADE, Zeidi Araujo *Teoria das representações sociais 50 anos*. Brasília, 2011

KELLER, Fred S. **A definição da psicologia**: uma introdução aos sistemas psicológicos. São Paulo: Ed. Herder, 1972.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LANE, S.T.M. e CODO, V. **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo, Editora Brasiliense, 2001.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. 4 reimpressão, São Paulo:Brasiliense, 2002. \_ (colocação primeiros passos 39).

\_\_\_\_\_. **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade, **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas de mente*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2006.

MINAYO, M. C. S. HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. *Qualidade de vida e saúde: um debate necessário*. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.7-18,2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde, 12ªed, São Paulo, Editora Hucitec,2010.

MINICUCCI, **Agostinho**. **Dinâmica de grupo**: teorias e sistemas. 5 ed. Sao Paulo: Atlas, 2002.

MINUCHIN, S. (1982). **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre:Artes Médicas.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. 2. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (org.).

**Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MORRIS, Charles G. **Introdução à psicologia.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Editora Pioneira, 1976.

OLIVEIRA, Percival de. **Abandono de família.** São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

OLIVEIRA, Martha Hubner. **Ciências e pesquisa em psicologia: uma introdução.** São Paulo: EPU, 1984.

OSORIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje.** 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre.** Porto Alegre: L&PM. 1999

POLIT, D. F., BECK, C. T. HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: Métodos, avaliação e utilização.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**RESOLUÇÃO Nº 196, DE 10 DE OUTUBRO DE 1996.** Disponível em: <[http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz/legislacao/arquivo/Resolucao\\_196\\_de\\_10\\_10\\_1996.pdf](http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz/legislacao/arquivo/Resolucao_196_de_10_10_1996.pdf)>. Acesso em: 23/01/12.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, Adriano (Org.). **Psicologia, religiosidade e fenomenologia.** Campinas: Alínea, 2004. p. 11-36.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social.** 12.ed, Petrópolis: Vozes, 1988.

ROSA, Merval, **Psicologia evolutiva da Adolescência**, 8ª. Edição, editora Vozes, Petrópolis, 1993.

ROUDINESCO, Elisabeth, **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANDSTROM, C. I. **A psicologia da infância e da adolescência.** 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

SERRÃO, Margarida. **Aprendendo a ser e a conviver.** 2.ed. São Paulo:FTD, 1999.

SPERLING, Abraham P. **Introdução a psicologia.** São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2003.

STREY, MarileneNeves.**Psicologia social contemporânea.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

TELFORD, Charles W. **Psicologia uma introdução aos princípios fundamentais do**

**comportamento.** São Paulo: Cultrix, 1968.

TELES, Antonio Xavier. **Psicologia Moderna.** 31 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

WEIL, Pierre. **Manual de psicologia aplicada,** Disponível em: <http://www.pierreweil.pro.br/Livros/Portugues/on%20line/Manual%20de%20Psicologia%20Aplicada.pdf> Acesso em: 16/01/2014.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1993.

XAVIER, Roseane. **Representação social e ideologia:** conceitos intercambiáveis? Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 10/06/2013.



## ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA PARA A PESQUISA



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
EE FLORIANO VIEGAS MACHADO – 0411 - DOURADOS – MS  
Criação: Decreto nº 502/1948 – D.O. de 09/07/1948  
Autorização do Ensino Fundamental e do Ensino Médio: Resolução SED nº 2.145 de 19/12/2007.  
Rua Ciro Melo, 5305 – Jd. Ouro Verde – Fone: 0 \*\* 67-3424-3839 – CEP: 79.833-080.

A direção da Escola Estadual Floriano Viegas Machado, Dourados – MS, autoriza a Alice Sarmento Silva, acadêmica no Programa de Mestrado em Psicologia da Saúde, da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, a realizar uma pesquisa com os alunos de doze a dezessete anos completos, que freqüentam as aulas no período matutino e vespertino, sendo de sua total responsabilidade o cumprimento da ética exigida nesta atividade, sob autorização dos pais ou responsáveis, bem como os contatos necessários com os alunos e familiares.

Dourados, 17 de agosto de 2012.

  
Darcizete Aragães de Moraes  
Resolução P\*SED nº 2750/11 de 28/11/2011  
Diretor  
E.E. Floriano Viegas Machado









## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**PESQUISADORA:** Alice Sarmento Silva – Psicóloga, CRP 14/04496-7 MS/MT

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Márcio Luiz Costa(UCDB)

À norma da Resolução CNC/M 196/96, os participantes e os seus responsáveis legais manifestam seu consentimentos livre e esclarecido de participar da pesquisa com o título **“AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA E LIBERDADE EM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS”**, cujo objetivo geral é”Compreender a representação social de família e liberdade em adolescentes de uma escola estadual no município de Dourados-MS”. Participando dos procedimentos de coleta de dados demográficos, entrevista semi-estruturada e grupo focal. A pesquisas será realizada na **ESCOLA ESTADUAL FLORIANO VIEGAS MACHADO**, e Dourados/MS, devidamente autorizada pela direção.

Manifestam também seu esclarecimento de que a participação na pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa. É garantido o anonimato. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos. A presente pesquisa não oferece riscos ou malefícios para os sujeitos participantes.

O presente termo vai assinado em duas vias, uma fica de posse do responsável legal e a outra de posse da pesquisadora.

Dourados - MS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Participante: \_\_\_\_\_

Responsável: \_\_\_\_\_

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Orientador: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIO-DEMOGRÁFICO**

1. Preenchimento do questionário de pesquisa \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Horário \_\_\_ Entrevista nº \_\_\_

2. Sexo: ( ) Mac. ( ) Fem. Idade \_\_\_\_\_ Escolaridade \_\_\_\_\_

3. Mora com: ( ) os pais ( ) com parentes ( ) com outros amigos ( ) outros. Poderia mencionar com quem? \_\_\_\_\_

4. Você tem alguma fonte de renda? ( ) sim ( ) não ( ) mesada ( ) pensão ( ) Bolsa

**APÊNDICE C - TÓPICOS – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMI-  
ESTRUTURADA INDIVIDUAL**

<b>BLOCO TEMÁTICO</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>
Pergunta inicial	Você poderia falar um pouco sobre o que é a adolescência na sua visão?	Perceber sua visão, sentimentos e anseios interiores.
Futuro	Como você vê o futuro?	Perceber até que ponto ele(a) pensa e qual sua visão de futuro.
Liberdade	Como você entende o termo liberdade e qual o efeito para sua vida?	Conhecer o conceito que ele tem sobre o termo e como esta se aplica em sua vida e nos relacionamentos.  Compreender as representações sociais de liberdade para o(a) adolescente.
Família	Qual a importância da família para sua vida?	Entender qual a representação social de família para o(a) adolescente.
Relação com os pais/ cuidadores	Você mora com os pais? Como é a sua relação com eles?  Se não, porque não mora/	Conhecer o contexto familiar e como são as relações interpessoais.
Outras	Conforme surgir no desenvolver dos encontros	Explorar de forma mais aprofundada sobre os temas discutidos.